

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL  
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

**Claudia Daiane Birk**

**CARTOGRAFANDO MODOS DE VIVER, (RE) EXISTIR E ESTUDAR  
TERAPIA OCUPACIONAL**

Santa Maria, RS

2019

**Claudia Daiane Birk**

**CARTOGRAFANDO MODOS DE VIVER, (RE) EXISTIR E ESTUDAR TERAPIA  
OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Terapia Ocupacional, na área de Ciências da Saúde, da Universidade federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial à obtenção do título de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dra. Andréa do Amparo Carotta de Angeli

Santa Maria, RS  
2019

## AGRADECIMENTOS

*O presente trabalho marca o encerramento de mais um ciclo, a graduação. Em não tão breves linhas agradeço quem me acompanhou e me apoiou nessa jornada.*

*Início então agradecendo minha família, por todo apoio e toda dedicação para que eu pudesse estudar em uma universidade pública, longe de casa; por compreenderem meu tempo e minhas faltas, por traçarem esse caminho comigo, por sonharem comigo esse dia. Amo muito vocês.*

*A minha orientadora Andrea, por ter embarcado comigo nesse trajeto, gratidão pelo acolhimento, pelo carinho, pelas pistas sensíveis, pelo corpo atento as delicadezas cotidianas do curso, por tornar esse processo gostoso.*

*A Ana Luiza, minha banca que contribui durante todo processo de formação, pela acolhida aos colegas, por tudo que representa a nossa turma. A escolha não poderia ser diferente...*

*Ao grupo de pesquisa pela parceria, pelas trocas, pelos surtos coletivos, pelo apoio, pelas ideias e as luzes quando o trabalho parecia não fluir ... em especial a Nathalia minha parceira incansável nesse último ano, foi quase um trabalho em dupla haha.*

*As meninas que moraram comigo durante esse período, vocês foram meu abrigo, minha família de Santa Maria, gratidão pelo afeto, pelos abraços, por poder contar com vocês em todo momento, amo vocês... Aqui fica um agradecimento especial para a Graciela, neguinha, tu é uma irmã pra mim, obrigada por tudo que passamos juntas, te amo infinitamente.*

*Aos amigos que fiz nessa passagem, vocês foram o sustento para eu permanecer aqui, obrigada pelos risos, pelas trocas, pelos almoços no RU, pelas jantares e por todo amor envolvido, vou levar vocês pra sempre, vocês são incríveis.*

*Aos estudantes de TO, aos que foram meus colegas, aos colegas de estágio, obrigada por todo conhecimento compartilhado... um agradecimento especial aos participantes da pesquisa e ao curso que possibilitaram que essa cartografia acontecesse. Ao movimento estudantil, pela possibilidade de me fazer enxergar o mundo e as diferenças de outro modo.*

*A todos os docentes do curso de Terapia ocupacional, pela disponibilidade e pelo conhecimento compartilhado.*

*Agradeço a minha colega e amiga Bibiane, pela dedicação na transcrição dos áudios.*

*Gratidão ao meu amigão do coração Jeisson, que mesmo de longe acompanhou esse processo, me acalmou na crise, e me fez acreditar na potência da escrita, e que eu era capaz.*

*Por fim, a todos envolvidos em meu processo formativo. Muito Obrigada!*

## **RESUMO:**

### **CARTOGRAFANDO MODOS DE VIVER, (RE) EXISTIR E ESTUDAR TERAPIA OCUPACIONAL**

AUTORA: Claudia Daiane Birk

ORIENTADORA: Andréa do Amparo Carotta de Angeli

O presente estudo teve como proposta investigar de modo cartográfico como os estudantes de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) estão tecendo seus cotidiano na instituição de ensino e fora dela, como e quais lugares são potentes para a produção e a expressão de sua subjetividade, sendo estes afetados pelo modelo da sociedade contemporânea sustentada pelos bens de consumo onde as tarefas rotineiras dos sujeitos estão cada vez mais mecanizadas. A presente pesquisa se caracteriza por ser um trabalho de investigação qualitativa, que se produziu a partir do método cartográfico. Como percurso para a efetivação do trabalho foi realizado um encontro em grupo, com estudantes diferentes semestres, esse realizado no prédio 26D, onde são ministradas as aulas do curso estudado. Os encontros foram filmados e registrados em forma de diário de campo, com a transcrição dos áudios. Os resultados da pesquisa foram analisados observando o diário e as filmagens, escolhe-se então narrar um pouco desse cotidiano através dos discursos dos alunos participantes da pesquisa. Estes discursos foram analisados e articulados com referenciais teóricos que discorrem sobre fazer humano e cotidiano na Terapia Ocupacional.

**Palavras-chave:** Vida cotidiana. Processos de subjetivação. Terapia Ocupacional.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>6</b>
NARRATIVAS DO CAMPO ESTUDADO .....	7
<b>2. UM CORPO CARTÓGRAFO .....</b>	<b>14</b>
PRODUZINDO A CARTOGRAFIA.....	16
<b>3. CONVERSAS SOBRE O CONCEITO DE COTIDIANO.....</b>	<b>19</b>
<b>4. TRAÇANDO TRAJETOS, RESPIROS E BRECHAS COM OS ESTUDANTES DE TERAPIA OCUPACIONAL.....</b>	<b>27</b>
<i>Não estou Sozinho.....</i>	28
<i>Não se autorizar a ocupar os espaços acadêmicos.....</i>	41
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: .....</b>	<b>50</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>52</b>
<b>7. APÊNDICE.....</b>	<b>55</b>
ROTEIRO DO GRUPO.....	55
<b>8. ANEXOS.....</b>	<b>56</b>
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL .....	56
ANEXO B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE .....	57
ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE FILMAGEM.....	58
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	59

## 1. APRESENTAÇÃO

O presente estudo tem como proposta investigar como os estudantes de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) estão tecendo seus cotidianos, na instituição de ensino e fora dela, como e em quais lugares eles se expressam e elaboram o que tem aprendido, como a vivência do curso impacta na construção do dia a dia.

Segundo Galheigo (2013, p. 220),

A pressão por produtividade, que tem caracterizado o cotidiano universitário contemporâneo, é motivo de sofrimento e inquietação. Ele corrompe e impede o pensar criativo e autônomo. Formata o pensamento e bloqueia o desenvolvimento de ideias que demandam tempo e estudo para florescerem.

Proponho com essa pesquisa repensar o nosso cotidiano de estudantes, dentro da sociedade capitalista contemporânea sustentada pelos bens de consumo e pela necessidade de respostas exatas e imediatas, onde as tarefas rotineiras dos sujeitos estão cada vez mais mecanizadas, influenciando automaticamente sobre suas decisões e sobre sua vida, gerando um esvaziamento do processo do fazer humano. Este pensamento ressoa o da pesquisadora de Terapia Ocupacional Sandra Galheigo, quando esta discorre sobre o cotidiano e o fazer humano contemporâneo:

O cotidiano, alimentado pelos bens de consumo, profissionalizado e mecanizado em suas tarefas rotineiras, tem levado ao afastamento das interações pessoais face a face e ao constante esvaziamento do processo do fazer humano, que perde gradualmente reconhecimento social (GALHEIGO, 2003, p.107).

Considerando que o modelo de ensino dentro da universidade responde ao modelo de sociedade que vivemos, este que gera a reprodução de conceitos, de modos de viver e atitudes, que se supõe inibir o processo criativo e a produção de outras formas de vida, aqui problematizadas como as denominadas “menos produtivas”. Ademais, pode-se levantar a crítica de como nós estudantes de Terapia Ocupacional almejamos ser facilitadores do protagonismo dos sujeitos que acompanhamos em atendimentos, senão somos capazes de sermos os principais

protagonistas de nossa própria rotina. Devemos então repensar e tensionar a construção de nosso processo formativo?

Justifico este trabalho, pelo interesse despertado ao observar os sentimentos e os comportamentos emergentes do cotidiano de diferentes pessoas com quem tenho contato, principalmente de colegas, devido a rotina universitária; observei que muitos buscam atender as cobranças das tarefas com perfeccionismo e total aprovação, restringindo sua participação em outras atividades para além da formação, como atividades de lazer, cultura e integração social.

Além disso, outro fato que motiva a pesquisa é o modo como o curso foi criado, e os meios que foram se inventando para que ele pudesse existir e resistir há quase 10 anos, com muitos movimentos de reivindicação para obtenção do prédio com salas de aula, professores e técnicos. Observa-se que a precariedade destas condições pode ter impactado na qualidade das relações e na organização do cotidiano do curso. Assim, nos propomos a narrar como a complexidade dessa história atravessa os corpos que circulam nesse local.

## NARRATIVAS DO CAMPO ESTUDADO

O curso de Terapia Ocupacional (UFSM) teve sua primeira turma de estudantes no ano 2009, sendo a seleção concretizada através de um vestibular extraordinário realizado pela instituição de ensino.

O curso foi criado através do REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, que visava ampliar o acesso à educação superior. Afim de que as universidades federais pudessem promover a expansão física, acadêmica e pedagógica da educação superior pública (BRASIL, 2010).

O projeto cadastrado no REUNI, previa a contratação inicial de 08 docentes. Todavia foi estabelecido, no Projeto Político Pedagógico (PPP) apresentado ao Ministério da Educação, que seria necessária a contratação, de mais 12 docentes que atendam o curso de Terapia Ocupacional, podendo estarem alocados em outros departamentos, de maneira a alcançar 20 docentes efetivos. Esse quantitativo foi considerado essencial para a execução da matriz curricular que obedece aos requisitos mínimos preconizados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, e também,

para o estabelecimento da relação prevista de 18 alunos por professor em cursos presenciais (BRASIL, 2007).

Atualmente o corpo docente do curso conta com 14 professores efetivos, sendo estes, Terapeutas Ocupacionais. Também conta com 5 técnicos administrativos em educação (TAE), formados em Terapia Ocupacional que realizam a preceptoria clínica dos estudantes nos campos de estágio, bem como auxiliam os docentes nas atividades correspondentes às disciplinas práticas do curso de Terapia Ocupacional da UFSM. Além disso, o curso também conta com dois técnicos administrativos em educação e dois bolsistas contratado pela Pró – reitoria de extensão (PRAE), que têm como responsabilidade auxiliar nas demandas institucionais do curso e departamento. O quadro docente acima citado, não corresponde ao que é preconizado, sendo que hoje a relação aluno professor está de 266 alunos regularmente matriculados no curso (considerando os trancamentos), 11 docentes efetivos e 3 professores substitutos, que cobrem o afastamento de outros professores. Com a soma de todos docentes temos uma relação de 19 alunos por professor.

Como encontrado no Projeto Pedagógico (PPC)<sup>1</sup>, corresponde as Diretrizes Curriculares de Terapia Ocupacional de 2002, o curso tem como objetivo formar profissionais de caráter generalista nas diversas áreas de atuação e nas políticas públicas capazes de facilitar o fazer humano de seus clientes em sua individualidade e em sua coletividade. Através de uma formação humanística e ética.

Para que esse objetivo se concretize os docentes de terapia ocupacional têm o compromisso de trabalhar de modo dinâmico, conforme a tríade ensino – pesquisa – extensão, que prevê ações que articulem a extensão com práticas do ensino e da pesquisa. A fim de manter a qualidade de ensino e a formação integral de seus estudantes.

Permitimo-nos narrar aqui também um pouco da história desse curso, que conversa diretamente com o tema da pesquisa quando pensamos na luta constante para que pudéssemos ocupar este lugar com sustento. O curso de Terapia Ocupacional, teve seu departamento próprio apenas no ano de 2013, conforme histórias orais contadas por egressos e professores e informações encontradas no

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/terapia-ocupacional/projeto-pedagogico>. Acesso em: 04 de julho de 2019.



site do curso de Terapia Ocupacional<sup>2</sup> para que pudéssemos ocupar esse ambiente, foram necessárias muitas aulas em baixo de árvores pelo campus, salas cedidas por outros cursos e incertezas; a ocupação do espaço prometido só ocorreu a partir do momento que se ocupa a reitoria e o prédio das aulas, ainda em obras, correndo o risco de habitar um lugar frágil e que ainda não estava completamente seguro e pronto. Prédio esse que teve sua planta original extraviada, parte da obra desviada, ambulatório com condições precárias de acessibilidade.

A história de resistência não possui um fim nesse momento, mal se sabia que esse era apenas um início, em 2015 voltamos a ocupar os espaços burocráticos da universidade em busca dos professores prometidos pelo REUNI, quadro que ainda não está completo. Ocupamos a universidade em 2016 contra o congelamento de gastos via PEC 55. Vivemos o extremo descaso com a saúde de uma colega,<sup>3</sup> e lutamos por mais responsabilidade da reitoria com nossas vidas, conquistamos uma ambulância pra comunidade universitária.

Durante toda a minha trajetória, permanecemos firmes na luta por conseguir um cargo de Terapia Ocupacional no município de Santa Maria; reivindicando sua criação na câmara de vereadores, Conselho Municipal de Saúde e Conferências Municipais de Saúde e Saúde Mental. Apenas no ano de 2018, ainda, sem o cargo na prefeitura, contratam-se Terapeutas Ocupacionais no município para o trabalho nos Centros de atenção Psicossocial (CAPS), através de consórcio municipal de saúde.

Com o desenrolar dessa trajetória o ambiente do curso também se modifica, o hall ganha cores e outras formas, o que antes era o branco repetitivo, hoje se colore em meio a desenhos e cartazes com frases de luta. O espaço também se modifica à medida que os alunos se empenham a confeccionar e doar sofás, produzir almofadas, colorir mesas para compor este ambiente. Além disso, através das turmas foram adquiridos os espelhos dos banheiros, jarra elétrica, e demais materiais para que o

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/terapia-ocupacional/historico/>. Acessado em: 17 de julho de 2019.

<sup>3</sup> No ano de 2016, uma colega do curso teve uma parada cardiorrespiratória dentro da sala de aula. Os colegas contataram o Serviço de Urgência e Emergência (SAMU) do município, porém, o atendimento não pôde ser prestado pelo Hospital Universitário, e ela demorou horas para ser atendida. A colega só sobreviveu devido a massagem cardiorrespiratória de colegas, orientada por aluna e professora que possuíam formação em técnico em enfermagem.

hall fosse propiciando outros modos de habitação, e um ambiente acolhedor capaz de proporcionar conforto a quem necessita ocupa-lo entre os horários das aulas e de suas atividades.

Saraceno (1999) fala na diferença entre habitar e estar, o autor conceitua que estar em algum lugar apresenta uma condição de anonimato quanto a ele, ou seja, o sujeito não tem propriedade sobre o espaço, a comunicação entre sujeito e lugar é dada de maneira abstrata. Diferente disso, quando discorre sobre habitar ele defende que este conceito pode ser usado quando o sujeito sustenta uma relação de pertencimento no lugar, quando ele se sente parte do espaço ocupado. Este pensamento do autor conversa com a apresentação do prédio e da história da terapia ocupacional da UFSM, quando descrevemos que com a passagem dos anos, com as ocupações e os movimentos, foi possível que este ambiente fosse modificado pelos alunos, dando-lhes a possibilidade de que se sintam pertencentes a ele, logo, os cartazes, sofás, pinturas e demais elementos do hall, são materiais transitórios, porém carregados de afetos, símbolos e marcas de um trajeto, que podem proporcionar aos estudantes a sensação de habitar, de pertencer ao lugar onde estudam.

Além do descanso, o espaço é usado e ocupado para assembleias e reuniões estudantis; bem como, para a promoção de espaços que visam integração entre colegas, como o “Sarau da TO”<sup>4</sup> e almoços em dias de paralisação, espaços que proporcionam trocas de conhecimento, contato com outras culturas, bem como, espaços de amizade e fortalecimento de laços.

Atualmente, a forma de ingresso dos estudantes é realizada através do SiSU, Sistema de Seleção Unificada, que usa a nota do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) como critério de ingresso em universidades públicas do país. Ingressam anualmente 70 alunos, sendo divididos em duas turmas, conforme classificação por nota; 50% ingressam no primeiro semestre letivo e 50% no segundo. As datas são estabelecidas pelo calendário acadêmico da instituição.

No mês de março de 2017 a coordenação, o departamento, professores, técnicos e estudantes se reuniram durante duas semanas para finalizar a discussão

---

<sup>4</sup> O Sarau da Terapia Ocupacional, é um evento organizado pelo Diretório Acadêmico de Terapia Ocupacional, com viés de integrar alunos, docentes e funcionários no espaço do hall do prédio. Nestes momentos são realizadas diversas atividades, como venda de lanches, karaokê, atividades artísticas e de troca de experiência.

da reforma curricular. O novo currículo, que passou a ser exercido no primeiro semestre letivo do ano de 2018 teve como principais alterações: a carga horária, que contava com 4090 horas no currículo estabelecido em 2009, passou a ter 3445 horas; desse total de horas, 1000 horas passam a ser destinadas para horas práticas, divididas em estágio, observações clínicas e práticas supervisionadas. Afim de ser um currículo que se enquadre nas normas estabelecidas pela World Federation of Occupational Therapists (WFOT), para sua validação internacional.

Além disso, foram alteradas as ementas das disciplinas, readequando conteúdos e número de horas ofertadas. Foram assim adicionadas seis novas disciplinas, dentre elas, específicas que ampliam o conhecimento de campos de atuação em terapia ocupacional, importantes que não existiam no currículo anterior, e outras do núcleo das básicas que não possuem equivalência com o currículo anterior. Outras quatro disciplinas foram extintas do currículo.

A matriz curricular é dividida em três grandes eixos: Ciências biológicas e da saúde, com treze disciplinas divididas em 615 horas; Ciências Humanas e Sociais, com cinco disciplinas e 285 horas; e Ciências da Terapia Ocupacional com 50 disciplinas distribuídas em 2.325 horas. Neste processo, os acadêmicos que não possuíam todas as disciplinas cursadas até o sexto semestre, passam a cursar o novo currículo, reaproveitando os conteúdos equivalentes.

Pensar o cotidiano desses estudantes tem sido o disparador para a pesquisa já que perpassa por reinvenções constantes. O cotidiano de um estudante é permeado por diversas linhas de forças. A entrada em um curso superior para muitos se torna o marco inicial da vida adulta, muitos necessitam mudar de cidade, conciliar bolsa trabalho ou trabalho formal com estudos. Segundo SARAIVA e QUIXADÁ (2010), no artigo em que discorrem sobre o sofrimento mental dos estudantes universitários, estes observam que o processo de formação do estudante universitário ainda é frágil no que se refere a humanização, desfocado da pessoa e focado na instrumentalização técnica do sujeito.

No que se refere ao curso de Terapia Ocupacional, vale ressaltar que este acontece em turno integral, exigindo de seus estudantes uma maior disponibilidade de horários. São ofertadas pelo curso em torno de 8 disciplinas para cada semestre,

o que equivale a uma carga horária aproximada de 400 horas semestrais. O curso é dividido em 8 semestres.

Essa carga horária pode se tornar densa, considerando que cada disciplina exige um aprendizado singular. Como consequência, supõe-se que o cumprimento das tarefas de estudante se torna exaustivo, já que muitos não possuem a disponibilidade de tempo necessária para aprofundar-se em todos os conteúdos, nem explorar outras atividades além das obrigatórias para academia.

Ademais, devemos considerar outros fatores que implicam diretamente na vida destes estudantes, como as condições socioeconômicas. Muitos alunos que chegam à Universidade Federal de Santa Maria são oriundos de outras cidades e necessitam do auxílio da Universidade para permanecer neste espaço, como o benefício socioeconômico que garante alimentação e moradia. Alguns necessitam de bolsa trabalho, ou emprego para o sustento na universidade.

Em sua monografia de trabalho de conclusão de curso acerca da saúde mental dos estudantes que vivem na moradia estudantil da UFSM, ALFING (2018), aborda no grupo focal de sua pesquisa como se dá o acesso à universidade; onde os alunos afirmam que a união entre os mesmos e a rede de apoio que se formam são essenciais para que estes suportem a mudança na rotina, o afastamento da família. E que estas redes são necessárias durante todo o processo de graduação, tendo em vista que as relações formadas são comparadas ao apoio familiar.

ALFING (2018, p. 52) também conclui que:

“Um jovem universitário está diante de vários desafios inerentes a essa etapa da vida como o tornar-se adulto, as várias responsabilidades, a expectativa da família, o retorno que poderá trazer para a sociedade, a angústia por formar-se e obter um emprego, ser independente financeiramente, enfim, muitas mudanças na vida de um sujeito que, muitas vezes, ainda está se desenvolvendo mentalmente e que se não receber uma orientação adequada está propenso a desenvolver doenças emocionais e físicas e mesmo utilizar substâncias como álcool e drogas.”

A construção desta cartografia considera que estas linhas que atravessam o curso presentes no REUNI e seus desdobramentos, tem sua singular expressão na forma deste curso, desde a composição de sua equipe (docentes e técnicos), da matriz curricular (e suas reformas) até a composição física dos espaços – salas,

espaços comuns e como nos apropriamos destes. As políticas de cotas e acessibilidade para estudantes na universidade, bem como, as políticas de permanência estudantis em vigor afetam a expressão das características dos estudantes deste curso. Ademais, estes estudantes carregam consigo as narrativas familiares, sociais e culturais, conseqüentemente estas se expressam nos fazeres de cada estudante no dia a dia da vida universitária.

No processo de pesquisa, propusemo-nos a ouvir alguns estudantes, e intervir problematizando como narram a si mesmos nestes espaços universitários. Assim, constituir um trajeto neste cotidiano a partir de suas narrativas no encontro com as minhas, sendo que também sou estudante deste curso.

Neste sentido foram objetivos neste estudo cartografar como as questões do viver contemporâneo se expressam na produção de subjetividade e na construção da vida cotidiana de estudantes de Terapia Ocupacional da UFSM. Para tanto, buscou ampliar o conhecimento acerca do conceito de cotidiano; para que assim pudéssemos problematizar a formação dos terapeutas ocupacionais desta instituição.

## 2. UM CORPO CARTÓGRAFO<sup>5</sup>

Ao pensar no andar da pesquisa, escolhe-se como método de pesquisa para traçar o cotidiano dos estudantes de terapia ocupacional, o método cartográfico, este possui características que conversam com a metodologia das pesquisas qualitativas, porém, parece abranger os elementos pesquisados de forma mais ampla e menos totalizadora, ampliando as visões que se pode ter do tema pesquisado.

A cartografia vai se efetivando em todo processo de pesquisa, desde o princípio, onde se elenca o tema da pesquisa. Todos os resultados obtidos são descritos, pois todos são relevantes. Não estamos preocupados aqui em chegar em um resultado final, pretendemos sim, descrever um processo, um ambiente, um campo problemático.

Cartografar tem ligação direta com o estudo escolhido, e acolhe a subjetividade do pesquisador, e, com isso, busca traduzir um pouco de seus anseios, de suas curiosidades, suprir a necessidade de pesquisar. Porém esse resultado não busca apenas contemplar o pesquisador, mas sim construir um caminho coletivo junto com os pesquisados. Traçar um caminho *entre* pesquisador, pesquisados e as questões da vida na universidade.

Este método pretende investigar afetos e sensações, como o tema toca a si mesmo e aos outros. O corpo cartógrafo é um corpo que se deixa vibrar por outras sensações. Ele busca desenvolver a capacidade de afetar e ser afetado (LIBERMAN; LIMA, 2015). Trazendo estes conceitos pra dentro do meu campo de pesquisa, sinto que muitos atravessamentos durante os quatro anos e meio de graduação me trouxeram a investigar e querer aprofundar mais as sensações que são despertadas ao viver a universidade. Muitos corpos circulam pela cidade, muitos olhares se atravessam, por vezes decepcionados, por vezes alegres, e me perguntei, qual significados atribuímos a rotina, o que é cotidiano, como pode se entender qualidade de vida? O meu corpo afetado pelo encontro com o dos colegas em momentos da

---

<sup>5</sup> Escolheu-se esse título, o mesmo que intitula o artigo de Flávia Liberman e Maria Elizabete de Araújo Lima; onde ambas discorrem como é ser cartógrafo, qual a potência e as singularidades dessa metodologia de pesquisa.

graduação, é o que gera em mim motivações para estudar como é viver o universo da graduação. Cartografar modos de viver, (re) existir e estudar terapia ocupacional.

Estar imerso no campo estudado permite a mim mesma, com o auxílio dos colegas, traduzir uma gama de afetações. Ao partilhar o tema da pesquisa, desde o início, vejo que ela não é só minha, e sim que será uma construção coletiva, pois desde o princípio sinto que assunto desperta, convoca a pensar, já que estudamos cotidiano desde o início da graduação, como seria estudar o nosso próprio cotidiano? Assim, se iniciaram constantes questões sobre: como cuidar do outro, sem deixar de lado o nosso próprio cuidado?

Com essa pesquisa, pretende-se aumentar a potência de agir, pensar e ser (LIBERMAN; LIMA, 2015), dentro do campo problemático que é o curso de terapia ocupacional. Este território é complexo, nos aproximamos dos 10 anos de trajetória, onde a maior parte deles foi marcado por movimentos de resistência, o que move/moveu estas ações? O que se produz a partir de um território que muitas vezes parece estar fragilizado, mas que através desta fragilidade se reinventa para poder ocupar este espaço e se firmar dentro da universidade? Sinto que meu processo de aprendizagem dentro do curso não foi uma construção solitária, e sim, atravessada por diferentes mãos, diferentes pessoas, e nessa composição de diversidades foi se construindo um modo de ser terapeuta ocupacional, mas também um modo de se entender enquanto sujeito, constantemente atravessado pelas afetações de um sistema que enrijece os sentimentos e a rotina, porém que resiste a não reproduzir a dureza das relações que compõem a instituição universidade.

Galheigo (2009), no artigo “Narrativas Contemporâneas: significado, diversidade e contexto” apresenta conceitos sobre a concepção de ser Terapeuta Ocupacional, traçando definições e como elas foram sendo entendidas e postas em prática ao longo dos anos. De uma terapêutica centrada na atividade humana como recurso terapêutico, a uma terapia ocupacional que se permite a incerteza, a narrar pelas ações às histórias de vidas, contar sobre contextos, diversidade e significações, para assim construir coletivamente desfechos possíveis. Narrar histórias é ter um corpo disponível ao outro, a escuta, é entender que não podemos produzir sujeitos em série, pois todos apresentam singularidades e significações únicas, logo, é incomodo esperar que todas as estudantes se adequem a estrutura universitária rígida e que produzam nela suas vidas e aprendizados do mesmo modo.

As narrativas aqui problematizam a tendência à homogeneização, uma das linhas duras que constituem a instituição universitária, que por vezes implica na constante produção científica, na reprodução de conceitos, não possibilitando a abertura para outros modos de construção de aprendizado, que permitem a discussão e o aprofundamento de teorias.

Estar no encontro com a alteridade do ambiente universitário, me traz o desejo de problematizar as linhas de forças atuantes no cotidiano de demais graduandos de terapia ocupacional. Assim, investigar o que possibilita suportar e resistir à turbulência que atravessa o local de ensino, o que se cria e recria constantemente. Então, traçamos aqui um pouco da trajetória do curso, dos alunos e do que é ser terapeuta ocupacional. Neste recorte, problematizamos o cotidiano dos estudantes deste curso.

#### PRODUZINDO A CARTOGRAFIA

Para traçar essa trajetória e efetivar a pesquisa, decidimos realizar um grupo de discussão do tema com os acadêmicos de Terapia Ocupacional, que estão no curso a mais de um semestre. O grupo realizou-se no dia 16 de abril de 2019, na sala 4020. Decide-se então, realizar apenas um grupo (estavam previstos dois) devido ao tempo de pesquisa e os contratempos da rotina. O horário e a data foram escolhidos, pois coincidiram com o tempo disponível da pesquisadora. Também foram utilizadas na análise anotações do diário de campo da pesquisadora, bem como, sensações referidas no grupo de orientação de pesquisa no qual se produziu o Trabalho de Conclusão de Curso.

Para abordar os acadêmicos do curso, foram feitos convites constando um breve resumo do trabalho, bem como, horário e local. Para a entrega dos convites, foram realizadas passagens nas salas de aula, correspondentes a cada semestre, no intuito de atingir o maior número possível de estudantes; alguns convites também foram deixados no hall do prédio, tendo em vista que é um local com grande circulação de estudantes. Bem como, foram enviadas cópias para os e-mails da turma e o convite foi publicado em grupos da Terapia Ocupacional nas redes sociais.

Para fins burocráticos, produzem-se os memorandos para utilização da sala, da câmera digital do prédio, para fins de filmagem. A fim de atender os pressupostos éticos da pesquisa, prepara-se a autorização de uso de imagem e os termos de



consentimento aos alunos que desejam participa do grupo. A pesquisa foi aprovada no dia 11 de dezembro de 2018, pelo comitê de ética da Universidade Federal de Santa Maria e está registra sob o CAAE<sup>6</sup>: 03389218.2.0000.5346.

*Chega o grande dia, o dia da efetivação do grupo, o coração acelera com as possibilidades do encontro. São enviados lembretes aos colegas confirmados, alguns respondem e se desculpam pelos contratempos universitários, o clima também não colabora conosco, dia chuvoso e rotinas corridas, a combinação imperfeita.*

*Todo um preparo é pensado, café, chás, bolachas, incenso... chego ao prédio da TO, entro no departamento e tenho contratempos com a câmera, não poderia contar com ela devido a bateria que não estava carregada. Aos poucos me acalmo e penso em alternativas, então opto por usar o celular e o notebook para a efetivação do registro. O acolhimento na coordenação e no departamento, espaço tantas vezes frequentado durante os quatro anos, vão me acalmando, converso com o secretário, a bolsista e uma professora ali presente, eles me acolhem e ajudam a seguir minha pesquisa.*

*Preparo a sala com ajuda de colegas que já estavam ali. Iniciamos a discussão entre seis pessoas, incluindo a pesquisadora, passando alguns minutos mais dois colegas se juntam ao grupo. O início foi dado com a apresentação da pesquisa e as motivações para o encontro, em seguida, foram apresentados os pressupostos éticos. Para que assim pudesse ser realizado o debate sobre o tema. Peço uma breve apresentação e as motivações que impulsionaram os alunos a participar deste encontro. (Diário da pesquisadora, 2019)*

As motivações que produzem o encontro em sua maioria são a possibilidade de um espaço de troca de experiência entre os semestres, assim um compartilhamento de vivências e modos de enfrentamento e alternativas para se fazer presente na Universidade; abordando também estratégias de lazer e autocuidado. Que serão discutidas no decorrer dos capítulos.

O grupo teve a duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos; o debate foi estabelecido através de eixos problematizados pela pesquisadora. Os tópicos norteadores da discussão foram: conversa sobre a rotina dos estudantes;

---

<sup>6</sup> Certificado de apresentação para Apreciação Ética

quais sentimentos são despertados no seu dia-a-dia no que se relaciona com o curso de Terapia Ocupacional; como estes se sentem em relação às dinâmicas institucionais e como entendem a estruturação do ambiente do curso; quais espaços são potencializadores para a troca, convivência com demais colegas; quais são as atividades de lazer e os espaços de cultura que estes sujeitos exploram; e se estas têm relação ao ambiente da instituição de ensino.

Com os contratempos rotineiros da pesquisadora, tendo em vista que o último semestre também necessita da conclusão e estágio, envolvimento em bolsa trabalho, não se possibilitou mais um encontro, assim, acreditamos que a análise do segundo grupo poderia ficar insustentável. Decidimos então, trabalhar com o conteúdo abordado no primeiro encontro, pois este apresentou trajetórias que sustentam as discussões a serem abordadas.

Desta forma, escolhemos como trajetórias do Trabalho de Conclusão de Curso, a revisão narrativa do conceito de cotidiano na atualidade e como este pode ser entendido na Terapia Ocupacional. Para o segundo capítulo, foram escolhidas duas linhas de análise de narrativa, que foram despertadas com o encontro grupal, a primeira caracteriza o sentimento *“não estou sozinho”* e a segunda conta sobre a *“não autorização”* dos estudantes de ocuparem o espaço universitário.

Os estudantes participantes da pesquisa serão denominados por nomes fictícios a fim de preservar suas identidades. Os alunos são identificados como Eduardo, estudante do quarto semestre; Yuri, oitavo semestre; Emanuel, oitavo semestre; Laura, sétimo semestre; Isabel, oitavo semestre, Camila, quinto semestre; e Catarina, sexto semestre. Evidenciamos aqui que todos os estudantes passaram pelo processo de reforma curricular, onde a matriz curricular do curso apresenta a transição de 4090 horas no currículo estabelecido em 2009, para 3445 horas a partir do ano de 2018.

### 3. CONVERSAS SOBRE O CONCEITO DE COTIDIANO

*Peguei o metrô lotado*

*Vi um bando de olhos cansados amontoados no vagão,*

*Quando foi que todo mundo meteu os pés pelas mãos?*

*A rotina da cidade nos transforma aqui dentro.*

*Mas saiba que a ternura que ninguém vê já deu conta de salvar muita gente.*

*(Ryane Leão, 2017)<sup>7</sup>*

Viajando pelo nosso mapa cartográfico, estacionamos no conceito de cotidiano, a fim de intensificar o aprofundamento nas motivações deste estudo. Os marcos da minha trajetória como estudante de Terapia Ocupacional, me impulsionaram o desejo de estudar o conceito de cotidiano no contexto contemporâneo. Conseqüentemente, me trouxe interrogações: como e em que momento observamos criticamente nosso próprio dia a dia? Que valores e que significados atribuímos?

No meu percurso dentro do curso de Terapia Ocupacional, desde o primeiro semestre sinto a dureza de um espaço que é composto por várias disciplinas semestrais; aos poucos, observo o quanto essa dureza foi afetando o meu corpo e o dos meus colegas; o cansaço e o sentimento de esgotamento se tornando cada vez mais presente nas rodas de conversa, nos intervalos das aulas, nas pausas para almoço. Quantos de nós usufruem a universidade como espaço potente para a extrapolação da rotina, ou para a construção de uma rotina mais saudável?

Agnes Heller, no livro cotidiano e a história (2008), e Nelson Dacio Tomazi, no capítulo “o processo de socialização” no livro Sociologia para o Ensino Médio (2010); defendem a ideia de que nascemos já inseridos em relações que foram estabelecidas antes de nós, múltiplos grupos sociais, como por exemplo: a família, a comunidade onde vivemos, a escola; estas se inter cruzam costurando uma ampla rede de trocas onde valores, sentidos e significados das ações, dos gestos, das formas de se relacionar se produzem e se modificam. Essas relações vivenciadas diariamente

---

<sup>7</sup> Livro tudo nela Brilha e Queima, Ryane Leão (2017).

implicam a composição de nossa subjetividade. A participação nesses grupos sociais pode levar a adaptação a determinados contratos sociais para que estes grupos estabeleçam relacionamentos não conflituosos. Estas normativas sociais que nos atravessam, afetam diretamente nossas condutas e comportamentos, podendo de modos conscientes e inconscientes nos levar a reproduzir tais atitudes acriticamente.

Estudar cotidiano, é estudar a história e a sociedade. Pois, todo ser humano possui uma rotina e estabelece nela fazeres diários, organizados com determinadas atividades, as quais são atravessadas e correspondem a certos contextos e épocas, sendo assim, “o cotidiano é o centro do acontecer histórico” (HELLER, 2008, p. 34). Assim, as ações cotidianas são a própria essência da estrutura social (HELLER, 2008).

O conceito de cotidiano não pode se restringir à ideia daquilo que é feito dia após dia, pois abrange como o sujeito vê a si mesmo, como constrói sua identidade, como participa da vida comunitária e também se refere às formas de organizações social. (SALLES e MASTSUKURA, 2013, p.269).

Como vivemos em sociedade, muitas vezes nos adaptamos a ela e repetimos atividades que diariamente são entendidas como fundamentais na vida de qualquer sujeito. Desta maneira, para cada fase de nossa vida, determinados comportamentos são entendidos com essenciais. Exemplificando, para a criança é esperada a escola e o brincar, para o adolescente a escola e a ampliação de suas relações, o início da vida adulta a faculdade e o trabalho. “A cotidianidade é desenvolvida do nascimento à maturidade, quando gradativamente assimila-se a manipulação das coisas, a realização das tarefas diárias e a dinâmicas das relações sociais” (GALHEIGO, 2003, p. 106).

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo ao que se refere ao conteúdo e a significação ou importância de nossos tipos de atividades. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação (HELLER, 2008, p. 32).

Nesta discussão podemos traçar alguns entendimentos de como é realizada a composição da subjetividade de cada ser humano. Seria possível a separação do “ser” particular e do “ser” genérico? (HELLER, 2008). O conceito de ser particular aqui refere-se ao ser individual, o que é da essência de cada sujeito. O ser genérico é o

que se compõe a partir das trocas. No livro “o cotidiano e a história”, Heller, (2008) defende que o homem é simultaneamente um ser particular e um genérico:

Os homens aspiram a certos fins, mas estes estão sempre determinados pelas circunstâncias, as quais, de resto, modificam tais esforços e aspirações, produzindo deste modo resultados que divergem dos fins inicialmente colocados (2008, p. 11).

Assim, o ser individual e o ser genérico se constituem concomitantemente, influenciando um ao outro; apesar de conduzidos a reproduzir alguns modos de vida, esse cotidiano pode ser constantemente modificado por nós em pequenas ações. “A vida é uma rede de trocas e de relações humanas, portanto aí o cotidiano se forma e é produzido.” (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 49).

Em encontro com os escritos de Galheigo (2003), sinto que falar da composição da subjetividade é falar de como as pessoas significam suas experiências, que sentidos elas atribuem às suas ações, como identificam as suas motivações, como interveem e compreendem a sua realidade. Então, penso que falar em subjetividade é pensar sobre potências de vida.

O cotidiano na terapia ocupacional pode ser pensado na confluência de quatro elementos: sujeito - cotidiano – história – sociedade. É neste atravessamento que se compõe a prática<sup>8</sup> em terapia ocupacional, reconhecendo a complexidade singular e coletiva da vida das pessoas, proporcionando ao sujeito acompanhado o reconhecimento de protagonista do seu processo de vida (GALHEIGO, 2018).

Alguns questionamentos vão surgindo conforme o desenrolar da cartografia. O que se espera de um estudante quando ele ingressa na universidade? Ou o que ele espera da universidade? Como se dá a relação aluno e instituição? a universidade não pode ser separada do contexto atual a qual pertencemos, logo, os conceitos citados acima, aqui também se produzem.

Diante deste fator cabe analisar a ideia de que desde o início do capitalismo existe a propagação do pensamento neoliberal. Notamos que a ideia de individualismo

---

<sup>8</sup>Exemplifico no texto o meu entendimento e minha perspectiva teórica sobre a conceituação de Terapia Ocupacional; lembrando que existem outras perspectivas com diferentes fundamentos teórico-metodológicos.

se firma, e coloca a felicidade humana no centro das atenções, mas não é qualquer felicidade, e sim a felicidade está associada com um valor material e poder aquisitivo (TOMAZI, 2010).

Segundo Galheigo (2013), nas sociedades capitalistas contemporâneas, a manutenção da constante produção dos bens de consumo faz com que se trabalhe na constante produção do desejo. Fica cada vez mais difícil discernir as necessidades reais das construídas.

Heller (2008) já traz em seus relatos que os valores produtivos se tornam a essência humana, logo, quem tem maior capacidade produtiva, possui mais reconhecimento dentro deste sistema. Como consequência acabamos sendo condicionados a uma rotina muitas vezes estressante e atarefada; onde nossos desejos são induzidos por uma gama de valores socialmente construídos e partilhados, reafirmados por nós.

Galheigo (2013), discute que no Brasil é impossível falar na produção do conhecimento sem considerar a pressão por desempenho que é exercida pela universidade, pelas agências de fomento e agências reguladoras do ensino de pós-graduação no Brasil. Para autora o respaldo econômico nas universidade colaboram para que os sujeitos se tornem reféns de uma racionalidade fabril, empresarial.

No traçado de minha vivência e minhas observações do cotidiano do estudante universitário, percebo que a lógica produtivista dentro da instituição acadêmica, pressiona os alunos para serem cada dia melhores, ou os melhores, por vezes os induzindo a uma competitividade acirrada, que pode vir a boicotar relações de trocas afetivas, e tornar o ambiente acadêmico insustentável, devido a pobreza das redes de apoio dentro da instituição.

Do mesmo modo, notamos por vezes, a reprodução de uma lógica hierárquica, que dificulta a escuta entre as categorias, docentes, discente, técnicos administrativos, bem como os demais funcionários da instituição. Paulo Freire, nos ajuda a pensar sobre o assunto no livro “Pedagogia do Oprimido”. Freire faz a crítica à estruturação social, onde o dominante impõe regras e valores ao dominado, a fim de que este repita acriticamente a lógica de produção. Na educação, este estuda o modelo da educação bancária, onde o profissional de educação deposita em seus

alunos os conteúdos relevantes elencados nas ementas das disciplinas, o depósito acontece através da narração e/ou repetição, limitando o espaço de criatividade e da crítica do que pretende ser ensinado.

Não pretendemos aqui criticar os profissionais de educação como sendo os reprodutores da lógica dominante, sabemos que este também reproduz regras que a eles são impostas, este também corresponde a uma expectativa de produção, alcançando metas, e tendo a necessidade de envolvimento em ações de pesquisa-ensino- extensão dentro da universidade.

Condizer com a lógica bancária na educação, onde as informações são passadas aceleradamente, com pouco tempo para digestão das mesmas, pode vir a gerar incômodos e frustrações. Onde, muitas vezes, o aluno com dificuldade de lidar com sua rotina e com a gama de conteúdos, não consegue elaborar as fases pelas quais está passando, bem como, sente dificuldade em procurar redes de apoio para manter-se dentro da instituição, causando possíveis adoecimentos, ou até desistências. Ajustar-se à rotina de produção engessa o cotidiano de ambos, profissionais de educação e estudantes, causando como consequência rotinas duras e, por vezes, solitárias, pela falta de espaço de diálogo, de trocas e de construção de um ensino que seja satisfatório para todas categorias.

Eduardo Galeano e Milton Santos, no documentário “O mundo global visto do lado de cá”<sup>9</sup> apontam a reprodução dos países do sul<sup>10</sup> em relação aos seus colonizadores, países do norte<sup>11</sup>; questionam, então, se seremos os repetidores de uma sociedade de consumo que está acabando com o planeta, se seremos violentos, acreditando que devemos viver em uma guerra constante ou iremos ser protagonistas do nosso próprio modo de viver, pensando em um mundo novo a partir de nós mesmos. Assim, criticam os governos dominadores e capitalistas que nos fazem acreditar e corresponder a relações de poder que estabelecem a constante repetição; que exploram cada vez mais as “camadas” sociais mais pobres. Recortamos aqui os atravessamentos deste modo de vida contemporâneo no cotidiano dos estudantes de Terapia Ocupacional.

---

<sup>9</sup> Documentário disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW\\_mnM&t=85s](https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM&t=85s). Acesso em: 12 de junho de 2019.

<sup>10</sup> América Latina e continente Africano.

<sup>11</sup> Países Europeus e Estados Unidos.

*Ao sair dos muros da universidade, entro em contato com as ruas da cidade, onde este comportamento se repete, a corrida contra o tempo. Olho as expressões dos corpos no fim do dia, depois de seus expedientes de trabalho, estudo,... o que vejo são expressões tristes, corpos esgotados. Aos poucos estes vão me afetando, causando inquietude. As paradas dos ônibus em poucos minutos lotam, a velocidade dos passos é ofegante, não a tempo para a conversa, para o respiro, para o lazer. Questiono então: onde e quando poderemos respirar? Como encaramos essa rotina? a força de vontade de mudar o mundo se confronta com a necessidade da sobrevivência. O tempo para o descanso é tomado pelo esgotamento. Nos deixam exaustos a ponto de não podermos refletir. Mas como não refletir o próprio cotidiano, estudando Terapia Ocupacional? Trabalhando com o cotidiano de diversas pessoas? (diário da pesquisadora, 2019).*

Ao pensar na rotina universitária dentro da Terapia ocupacional, a associação também com a estrutura onde são ministradas nossas aulas, o prédio 26 D, onde o único espaço de convivência é o hall do prédio, que apesar das suas modificações para torna-lo acolhedor, ainda não supre a necessidade dos encontros estudantis. A porta de entrada do prédio leva os alunos diretamente para suas salas de aulas, as paredes dos corredores e da sala são demasiadamente brancas, lembram das instalações hospitalares. Ao chegar na sala de aula, nos deparamos com as fileiras de mesas e cadeiras, repetindo o antigo modelo escolar, colocando a frente o professor, que é posto como detentor do conhecimento, reproduzindo um sistema hierárquico. Basta ficar sentado nesse ambiente por alguns instantes que é possível perceber que não há janelas ou visão para os corredores, as janelas estão posicionadas de modo a permitir uma visão restrita do ambiente além da universidade, essas janelas também possuem grades, postas neste local como seguranças, mas será que estas não podem ser encaradas como uma prisão?

Nestes quatro anos, sou constantemente provocada a fugir do ensino meramente acadêmico, ou seja, da sala de aula, e me envolver em outros espaços da universidade. Deparo-me então com o movimento estudantil, esse que ressignifica minhas vivências dentro da instituição. Este me proporciona um outro modo de viver e encarar a academia. O primeiro encontro com este movimento ocorreu em 2016 com o processo de participação na eleição de Diretório Central dos Estudantes, seguido pela participação no Movimento de Ocupações do mesmo ano, que se deu



principalmente pelo desejo de lutar contra implantação da proposta de ementa constitucional, PEC 95; que previa os congelamentos dos gastos públicos para saúde e educação.

Estas duas vivências, me impulsionaram e me inspiraram no movimento estudantil, aos poucos fui me aproximando do movimento dentro do curso de Terapia Ocupacional, onde participei do diretório acadêmico, ferramenta que busca o dialogo dos estudantes dentro do curso, tentando assim proporcionar outras vivências no ambiente institucional, sendo assim, propiciar aos discentes conhecimentos extracurriculares, como a semana acadêmica. Bem como, facilitar relações de afetos e lazer através do sarau, que tem intuito de ser um espaço de diversão, acolhimento, debate e cultura dentro da universidade. Estes espaços são pensados como possibilidade de redes de apoio entre estudantes.

Nos últimos semestres, noto a crescente problematização da rotina universitária, hoje nos deparamos com a ampliação do debate sobre saúde mental dos estudantes, bem como dos docentes. Rodas de conversas e de trocas vão surgindo, rotas de fugas vêm e estratégias para o combate do adoecimento, sendo traçadas, mas ainda nos deparamos com notícias de casos de suicídio, de adoecimento, de desistência. O cotidiano universitário pode ser um implicador de sofrimento ou de adoecimento?

No segundo semestre de 2018, tenho contato direto com dois trabalhos de finalização do curso de duas colegas que se debruçam diretamente ao tema saúde mental dos estudantes, conforme referido anteriormente, ALFING (2018) discorre sobre saúde mental na casa do estudante universitário da UFSM, e como os alunos enxergam o cotidiano universitário. Concluindo então que esses tipos de estudos são significativos para que possam ser feitas devolutivas para instituição, afim de que está se empenhe em proporcionar ambientes mais saudáveis para que os estudantes possam permanecer na universidade.

O outro usa como linha de análise do adoecimento estudantil a página das redes sociais “#nãoénormal”<sup>12</sup>, traçando dados de publicações, levantando questionamentos sobre a “romantização” do sofrimento dos universitários.

---

<sup>12</sup><https://www.facebook.com/naoenormal.edu/>

Em sua monografia PEREIRA (2018, p. 21), aponta que:

Para a realização de todas as atividades acadêmicas, estudantes excedem os limites da saúde física e emocional, cedendo a estas situações e colocando a produtividade acadêmica como prioridade frente a outras esferas da vida cotidiana, tais como: relações familiares, lazer e saúde. Este cenário pode acabar ocasionando variadas formas de sofrimento psíquico, muitas vezes ignoradas pelos envolvidos, em uma tentativa de seguir em frente e realizar suas atividades.

Em outro momento, quando analisa a relação com o trabalho entre docentes, assinala que estes também são atravessados pelo sofrimento dentro da universidade, o adoecimento dos professores pode ser advindo das relações competitivas, bem como, da pressão pela produção de pesquisa e pela carga horária excessiva frente aos alunos.

Por conseguinte, noto a importância de estarmos atentos aos nossos movimentos cotidianos, para mim cartografar sobre ele está diretamente implicado em não adoecer e conseguir ver-se como protagonista do processo de formação. Assim, descrever trajetórias universitárias e modos de ensino que se sustentam no fazer colaborativo.

#### 4. TRAÇANDO TRAJETOS, RESPIROS E BRECHAS COM OS ESTUDANTES DE TERAPIA OCUPACIONAL

*PEDRA, PAU, ESPINHO E GRADE*

*“NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA”*

*Mas a **ousada esperança** de quem marcha cordilheiras,*

*Triturando todas as pedras da primeira á derradeira,*

*De quem banha a **vida** toda na aguenta da **coragem e da luta cotidiana**,*

*Faz de suma beberagem tapa a pedra pesadelo, é ali que se faz parada,*

*para o salto e não o recuo, **não estanca seus sonhos lá no fundo da memória**,*

*Pedra, pau, espinho e grade,*

**São da vida desafio.**

*E se cai,*

*Nunca se perdem*

**Os seus sonhos esparramados adubam a vida, multiplicam são os motivos da viagem**

(CONCEIÇÃO EVARISTO)<sup>13</sup>

Este capítulo é dedicado a traçar os debates que surgiram no grupo de pesquisa do dia 16 de abril de 2019. Utilizamos aqui as falas dos estudantes, e dialogamos com diversos autores, com a finalidade de cartografar questões cotidianas que foram apontadas pelos alunos no encontro.

Abordaremos duas linhas de análise do encontro com os estudantes no grupo. As linhas foram escolhidas a partir das relações estabelecidas pela pesquisadora com o que foi dito e o material teórico estudado. As duas linhas foram nomeadas como: ‘Não estou Sozinho’ e “não autorização de ocupar os espaços acadêmicos”.

---

<sup>13</sup> Poema com o qual tive contato em encontros do movimento estudantil. Trechos da autora serão utilizados para compor a discussão, estes serão destacados em negrito.

## ***Não estou Sozinho***

Escolhe-se esta linha de análise pelos sentimentos despertados junto ao grupo de pesquisa. Quando observo os colegas que participam do grupo de discussão, tenho a sensação de não estar sozinho. Noto que temos características que se atravessam no processo de graduação, como optar pelo atraso do curso, ou participar do diretório acadêmico.

Entendo aqui o caminho que percorri, o contato com a militância e com outros espaços universitários, constituem a futura Terapeuta Ocupacional. Nesses coletivos, pude entrar em contato com a diversidade de ideias e de opiniões, de outros modos de pensar, e de buscar direitos. Movida por estes atravessamentos me coloco novamente a pensar, o que o coletivo provoca em mim e como este constituiu o meu processo de formação.

Em contato com aquilo que produz o “comum”, me possibilito pensar nas minhas experiências e dar o traçado do que foi vivido até o momento, quais territórios existenciais podem ser cartografados nesta pesquisa dentro do curso de Terapia Ocupacional? Como se dão os agenciamentos coletivos<sup>14</sup>? Que linhas de fugas são traçadas para que o estudo se sustente neste local, e re (exista)?

Neste trajeto da pesquisa, o poema acima *“Pedra, pau, espinho e grade”*, de Conceição Evaristo, me convoca a pensar nas delicadezas desse cotidiano dentro da instituição que resiste, que luta, que se movimenta (...) **de quem bebe na aguenta da coragem e da luta cotidiana (...)**; o que buscamos no espaço universitário? o que nos encoraja a luta e a resistência cotidiana? Olhamos então para as linhas de força que nos atravessam, afim de cartografar a composição do curso a partir de pistas indicadas pelos estudantes participantes do grupo de pesquisa.

*“O grupo está reunido, em roda, começamos trocando ideias e motivações para que esse dia acontecesse, aos poucos aterrisso e me tranquilizo. O fato de eu também ser estudante de terapia ocupacional, me tranquiliza para condução.”* No momento

---

<sup>14</sup> As autoras Escóssia e Kastrup (2005), definem agenciamentos coletivos como modos de funcionamento coletivo, ou seja, como são realizadas as trocas entre sujeitos, o que é criado em um território “comum” a todos, que possibilita aos sujeitos a sensação de pertencimento. Os modos que se engendram as linhas de fugas e como são mobilizados o processo de singularização dentro de coletivos. O que se produz entre o individual e o coletivo.

que me proponho a narrar o cotidiano desses estudantes, narro também o meu cotidiano. *“Ao mesmo tempo que estou ali para minha pesquisa, também sou um participante, pois não consigo me separar desse terreno, ele implica diretamente a mim. Aos poucos o espaço se molda para uma troca de vivências.”* (Diário de pesquisadora, 2019).

As motivações dos demais participantes vão ao encontro com as minhas motivações da pesquisa, entendo que a dureza da rotina nos faz por vezes procurar alternativas para o cuidado com pessoas que passam pelas mesmas situações.

*“Eu tô no oitavo semestre e a minha intenção ao participar dessa pesquisa, desse grupo, da conversa, é justamente ter essa visão, assim, do próximo, de como que os outros estudantes usam **estratégias para cuidados de si** assim, nesse **cotidiano que é bem tumultuado**, bem agitado, nessa questão do ensino assim como que a academia exige muito da gente, daí como que a gente se sente, como a Claudia falou, nessa questão, tentar compreender um pouco de como a gente consegue **conciliar essa parte do estudo, assim né, da parte fora, relações familiares, enfim, lazeres e mais.**”* (Yuri, grupo de discussão, 16/04/2019).

Salles e Matsukura (2013), quando discorrem sobre que é a terapia ocupacional relatam que esta é uma profissão que se interessa pelas atividades que são desempenhadas na vida cotidiana. É a partir dessas atividades que as pessoas se relacionam entre si, participam do processo produtivo da sociedade, vivenciam a cultura da qual fazem parte e se tornam quem elas são.

Galheigo (2003) nos conta que o conceito de cotidiano surge na Terapia Ocupacional contrapondo a clínica biomédica positivista, que é direcionada a análise das atividades diárias. Assim a autora defende que o conceito dentro da profissão traz um olhar mais complexo para a diversidade cultural e social, entendendo que o ser humano é individual e coletivo, logo, ele é atravessado pelo meio social em que ele está inserido.

No regimento interno do curso de Terapia Ocupacional da UFSM, consta que a formação em terapia ocupacional deve ser realizada com o objetivo de formar

profissionais de caráter generalista nas diversas áreas de atuação e nas políticas públicas capazes de facilitar o fazer humano de seus clientes em sua individualidade e em sua coletividade.

Na artesanaria desses conceitos, identificando a afinidade com a linha teórica que define a terapia ocupacional como a profissão que estuda o fazer humano no cotidiano, somos movidas a discorrer sobre como se dá o nosso processo de formação, e nesta formação como é estruturado o nosso fazer humano, neste sentido converso com os alunos quais elementos constituem a rotina dos mesmos. O aluno Eduardo, relata um pouco sobre sua trajetória.

*“Entrei na TO com o objetivo do que eu queria aprender, do que eu queria fazer, eu defini **objetivos pra me motivar; ter inspirações** pra cumprir esse objetivo. Aí eu entrei na TO com objetivo, mas os primeiros semestres foram muito **ás pressas**, sabe. Aí aconteceram muitas coisas uma em cima da outra e **eu não conseguia parar pra ver essas coisas**. Aí eu me decepcionei com o que eu queria fazer, ai cheguei num ponto que não via motivos pra estar, estava **frustrado quando pensava no profissional que eu queria ser**. Aí no terceiro semestre, eu tive uma cadeira, que me mostrou o que eu quero ser, que terapeuta ocupacional, a partir de então ia pras outras cadeiras pensando por mais que eu não tenha nada a ver com a área, eu tento voltar o máximo pra área que eu quero seguir, que a partir dai eu passe a querer estar lá, aprender e continuar. Foi muito corrido, um dia a gente começou a falar sobre formatura. Aí é o momento que tu para e pensa: **Meu Deus, eu já tô aqui a dois anos. O que aconteceu durante esses dois anos? Parece que foi assim (gesto com a mão estalando os dedos). Eu tenho as lembranças do que aconteceu, mas eu não sei como eu me senti quando aconteceu, porquê eu agi daquela forma? Não tem aquele incentivo pra para processar aquilo e dai seguir em frente**. Então parece que espaço não vai dar, a gente sofre um choque atrás do outro, e chega até um ponto, o que é horrível, e **a gente tá anestesiado**. Uma coisa muito ruim*

acontece, da um choque e a gente fica: **hum, tá bom, e continua sabe**. Ai isso foi um problema do início...aí tô na sala, estudando, de tá produzindo e tentando tá ao máximo mantendo uma ideia de rotina e manter essa disciplina e tal. **Então eu sou uma pessoa que não sinto mais as coisas sabe, e as coisas acontecem e vão acontecendo, acontecendo, acontecendo, e eu não sinto, eu não tento mudar, eu continuo, vou me colocando numa zona de conforto. E aí tudo que acontece parece estar no exterior, e tu tá de fora olhando o que tá acontecendo**. Tu tá desesperado porque tu não tá dando conta, mas ao mesmo tempo tu não se envolve o suficiente naquilo. Aí eu decidi, então, **mudar**, eu coloquei na minha cabeça, eu tenho que estudar, mas também tenho que sair com **meus amigos**. Eu jamais vou deixar de aproveitar o fim de semana e sair, **me divertir, descansar, ter um tempo sabe**. Eu tento **priorizar outras coisas além de estudo, e isso foi uma das coisas que eu consegui fazer**. Aí eu penso, que a gente tem um aprendizado que quando tá **precisando sair, conversar, tomar um chimarrão, dar uma volta, estar com teu amigo e não pensar na faculdade**, tu tens que tá no teu momento de lazer, mas ainda tá pensando naquilo. Aí eu consegui, parar pra pensar, porque nos dois próximos anos que eu vou estar aqui eu quero **que possa ser diferente**, que eu chegue na formatura e possa pensar que foi de boas a faculdade, que eu experienciei o que eu podia experimentar, **proveitei todas as possibilidades que tinha dentro da faculdade e senti tudo que aconteceu sabe, porque pra mim é uma coisa muito importante**.” (Eduardo, grupo de discussão, 16/04/2019).

Outra fala descreve o sentimento quanto as atividades diárias que antes eram realizadas como fonte de lazer.

“Tipo, sei lá, no ensino médio tu tem tipo um de livro que tu gosta de ler, uma série favorita, eu sei lá, **não tenho mais**

*vontade de ler, porque tu lê tanta coisa, tanto artigo que as vezes não quero ler.*” (Isabel, grupo de discussão, 16/04/2019).

As narrativas acima, nos voltam para a discussão de PEREIRA (2018) que expõe que o ato de estudar, frequentar o ambiente universitário, por vezes, deixou de ser uma busca prazerosa para obter mais conhecimento; pois ele acaba sendo cansativo por ser realizado de forma mecânica e padronizada; ela afirma que este método vai ao encontro do processo de industrialização na sociedade, que alimenta a competição, e a qualificação é encarada como meio para conseguir uma vaga no mercado de trabalho.

**(...) Seus sonhos estancados lá no fundo da memória (...)** influenciados pelos processos produtivos, a se adequar as responsabilidades que a universidade nos provoca, deixamos paralisados na memória nossos maiores sonhos, por vezes, os transformamos em utopias, é entendido que o prazer da vida é deslocado para quando atingirmos o auge econômico, tanto como sujeito quanto como sociedade, não nos permitimos viver o agora.

Para adentrarmos nessa discussão, nos apoiamos no pensamento de Suely Rolnik (2018, p. 51) a autora argumenta que:

Os sinais das formas de um mundo são captados pela via de percepção (a experiência do sensível) e do sentimento (a experienciada emoção psicológica). De tais capacidades se compõe a experiência mais imediata que fazemos de um mundo na qual o aprendemos com a concretude e seus atuais contornos – aquilo nós chamamos de realidade.

Em seguida, a autora nos diz que a partir da política de subjetivação dominante, tendemos a ignorar e restringir algumas formas de percepção do mundo que operam simultaneamente, para viver um modo de mundo que por vezes não corresponde o contexto no qual estamos inseridos. Afirmando assim que Processo de subjetivação do colonial - capitalístico, vivenciado pelos países ocidentais provoca, a redução da política de subjetivação ao sujeito. “Implica em estarmos dissociados de nossa condição de viventes, o que nos separa dos afetos e perceptos e nos destitui do saber-do-vivo”. (ROLNIK, 2018, p. 55).

Retornamos ao documentário “Mundo global visto do lado de cá”, e para as falas de Eduardo Galeano, sobre o povo da América Latina, este nos diz:



“(…) Hoje, somos caricaturas muito tristes de modos de vida que se impõe de fora. E somos governados por sistemas de poder que a cada dia nos convencem de que não há virtude maior que a política da repetição do eco de vozes alheias.”

O mesmo documentário segue com Milton Santos:

“(…) Nós decidimos ser europeus e insistimos a sermos europeus, nos recusamos a pensar como nós mesmos, porque achamos mais chique pensarmos como os europeus e os americanos, aí temos uma enorme dificuldade de entendermos o mundo, essa dificuldade nos deixa meio atarantados, meio tolos diante da história que está se fazendo. Aí ficamos meio perdidos, pois não sabemos o que fazer com o mundo novo, porque não descobrimos as formas de pensar esse mundo novo a partir e nós próprios.”

**(..)** **Pedra, pau, espinho e grade, são da vida desafio (...)** ambos os autores, Galeano e Milton, e o documentário, nos convocam ao desafio de repensar a nossa prática, e propagam a ideia de gerar um outro mundo, mostrar ao mundo outras formas de viver, que essas sejam com menos violência, um mundo coerente com nosso contexto. Questiono-me aqui quais são as ressonâncias desse desafio dentro do curso de Terapia Ocupacional?

Em meio a esse universo, constantemente influenciado pelos ideais de competitividade, o espaço de encontro com o outro pode vir a tornar-se menos frequente, as constantes produções e estudos muitas vezes impossibilitam o encontro com os outros. A entrada em um processo solitário, pode vir a violar a possibilidade de fazer junto, traçar caminhos coletivos, trocas de experiências, ou até mesmo compreender como normal algum sofrimento. Eduardo, relata um episódio em que se sentiu desconfortável dentro da sala de aula, por uma situação onde vários colegas demonstram ter interesse na mesma área, após isso, ele nos fala:

*“Acho que a **competitividade** não precisa só ser entendida como algo negativo, acho que me **estimula** a ser TO, mas **não desmerece o outro sabe**, tanto é que se eu posso ajudar alguém eu ajudo tipo, acho que se eu ajudar alguém não vai complicar sabe (...) acho que tu pode usar a competitividade pra um lado bom, onde tipo tu olha pro colega e diz esse colega é muito bom, **eu quero ser tão bom quanto ele**, sabe, e aí isso me estimula a estudar, isso me estimula a crescer como pessoa.*

*E aí dentro dessa **competitividade**, quando a gente **não consegue mais ter nossas amizades**, tudo isso, e aí a gente **não consegue existir no mesmo espaço.**” (Eduardo, grupo de discussão, 16/04/2019).*

Na sequência desta fala o mesmo aluno nos conta sobre os diversos casos de desistência na turma:

*“(...) eu cobro muito assim o pessoal, sabe, vamos ser mais **receptivos** o possível, porque talvez se agente fosse mais receptivo no começo não estaríamos em poucas pessoas agora sabe. Criar mais **grupos**, não ficar só com nosso grupo o tempo todo sabe. **Talvez o curso não tivesse bom, mas eu tendo uma amizade sabe, talvez isso me estimulasse sabe.**” (Eduardo, grupo de discussão, 16/04/2019).*

Outros colegas também relatam a importância de criar uma rede de apoio dentro da universidade. Essa discussão me leva a reler e conversar com Mariana Mendes (2017); a autora propõe em sua dissertação repensar as práticas de Terapia Ocupacional, nos serviços que em que atua<sup>15</sup> conversando com a prática de Deligny com crianças autistas em Cévennes. Ambas as práticas se cruzam e são influenciadas pela problematização de atuações que normatizam o cotidiano e buscam a “adaptação à vida em sociedade”. Logo, ela se coloca a pensar práticas de cuidado que invertam essas lógicas institucionalizadas no serviço. Assim, Mariana (2017, p.17) levanta alguns questionamentos:

Como inventar formas de resistir ao assujeitamento com o qual me deparava constantemente no contato com as populações acompanhadas? Como restituir a radicalidade própria dessa experiência datada para também nos contaminarmos com ela e criarmos outros modos possíveis hoje, ou outros possíveis nesse mundo?

Esses questionamentos se atravessam com a minha pesquisa, me fazendo questionar a criação de espaços em que estudantes possam se sentir pertencentes

---

<sup>15</sup>A autora menciona como local de trabalho dois Centros de Atenção Psicossociais, que atendem pessoas com histórico de sofrimento mental grave, em sua grande maioria atravessado por questões de extrema vulnerabilidade.

ao meio em que vivem e estudam; também podemos repensar a importância da construção de espaços coletivos dentro do curso, de propor práticas compartilhadas que possibilitem a construção de redes que podem vir a servir de apoio para que estes alunos sustentem seus estudos.

*“Eu tô no curso a mais de dez anos... passei por colegas que já estão formados **que eu perdi a oportunidade de conversar com muitos deles**, e é importante, pra além da sala de aula, e as gurias me ajudaram a ver isso, pela primeira vez, **eu fui na casa delas, e a gente fez um almoço e estudou, e isso me ajudou a ver e pensar, como a terapia ocupacional tem essa coisa do meio acadêmico, mas para além disso também.**”* (Emanuel, grupo de discussão, 16/04/2019).

Quando falamos nesse espaço comum, gerador de trocas de experiências, os estudantes também trazem para o grupo as sensações de pertencimento que são estabelecidas dentro da universidade, tendo em vista que estes relatam se sentir mais fortalecidos a frequentar esse espaço conforme as suas vinculações. Abaixo, temos o discurso de uma estudante que optou pelo atraso do curso:

*“(...) **E eu não conseguia fazer vínculo com outras pessoas, assim. Hoje que eu consigo fazer vínculo com outras pessoas além dos meus amigos, mas na época eu não consegui, eu não conseguia conversar com os outros, era difícil, porque tu fica sozinho na turma. E aí se tu não vai e tipo não conversa com alguém, ou chama alguém, tu não consegue entrar, porque a turma já está estruturada, já tá estabelecida sabe.*** (Isabel, grupo de discussão, 16/04/2018).

A partir do relato acima, adentramos na discussão de redes como ponto de apoio; assim verificamos uma potência no vínculo com outras pessoas, que pode levar ao estabelecimento de trocas, compartilhamento de estratégias de enfrentamento das durezas do cotidiano.

Segundo QUINDERÉ, JORGE e FRANCO (2014), em artigo onde discorrem sobre a importância das redes em saúde mental, apontam que:

As redes formadas dentro do sistema de saúde têm expressão no meio social, mediante diversos agenciamentos; elas propiciam o surgimento de novos modos de relação, constroem-se no meio social onde cada sujeito está inserido. Adaptam-se às novas possibilidades de atuação dos sujeitos no campo de produção da vida, produzem múltiplas conexões e fluxos construídos a partir de processos, que interligam os diversos atores, e criam linhas de contatos entre os agentes sociais, que são a fonte de produção da realidade (p. 255).

Denise Dias Barros (2007), em seu artigo “Terapia ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico”, indica que o conceito de rede pode ser usado em diversos contextos e disciplinas, a autora nos traz a ideia de que o conceito remete a articulação de diversas linhas, entrelaçamento de fios. Sendo assim:

As identidades pessoais se articulam com a experiência coletiva de um grupo. E a especificidade da experiência de vida de uma pessoa esboçada nas minúcias diárias de relações sociais vividas produz trajetórias - que não se reduzem a espelhos da experiência do grupo e nem pode ser compreendida como desconexa deste mesmo grupo - e produzem redes de relações. As redes sociais são expressões práticas das de relações de trocas (p. 131).

*Dia 19 de junho, após uma noite de chuva, o dia amanhece gelado, mas o sol brilha intensamente. Sair da cama aconchegante no inverno é uma dificuldade que precisa ser enfrentada, coloco a minha playlist favorita, respiro fundo, me arrumo a caminho da orientação.*

*No contato com o grupo, adentramos mais uma vez na parte da discussão do meu TCC, relemos juntas o poema de Conceição Evaristo, que coloco no texto no dia anterior, a partir dele vamos pensando nas delicadezas cotidianas, nos gestos simples que passam despercebidos e que falam tanto de nós. Cenas dele nos vêm a memória. Lembramos então de uma atividade cotidiana que realizamos todos os dias, e que as vezes é tão passageira, a hora do almoço.*

*Pensamos então nesse nosso fazer, o almoço dentro do restaurante universitário (RU). O nosso queridinho RU serve milhares de almoços por dia, milhares são as pessoas que dependem dele para uma refeição supostamente nutritiva, talvez a mais importante do dia, chega então o horário das onze horas da manhã, a porta se abre, o espaço lota e as filas aumentam rapidamente, muitas e muitas pessoas, em*

*sua maioria, estudantes, realizam uma corrida contra o tempo, para usufruírem aquele intervalo, que as vezes nem chega a uma hora, para o almoço. Em meio essa multidão, olhos aflitos miram os ponteiros do relógio constantemente, na maior parte dos dias a fila é demorada.*

*Concomitantemente às filas, estudantes estão vidrados nos seus celulares, para resgatar um almoço disponibilizado, da forma mais veloz possível, por vezes, o tempo é curto e o almoço é substituído por uma fruta, um lanche, o que tiver de mais fácil acesso.*

*Ao entrar no RU, o tumulto, por vezes continua, as pessoas servem-se rapidamente, no mesmo ritmo, procuram uma mesa para se acomodar. Rapidamente, é realizado o rodizio de pessoas, enquanto umas mastigam ofegantemente sua comida, outras já estão ao lado, esperando para ocupar o disputado lugar.*

*Em contraponto, é possível observar uma diversidade de abraços e sorrisos, enquanto uns correm contra o tempo, outros usam este ambiente para o descanso para o encontro com os amigos. Diante disso, rimos relembrando como este momento é ressignificado com o passar do tempo. Recordamos que nos primeiros semestres esse era o momento prazeroso do dia, nesse intervalo, sentávamos no gramado, eram trocados abraços, carinhos e risadas. Aos poucos a rotina foi acelerando, esses momentos se tornaram mais raros. Porém ao cruzar rapidamente pelo RU ainda vemos colegas repetindo esses gestos.*

*Em meio essa multidão, lembramos como julgamos ser ruim almoçar sozinha, em meio aos estranhos, como podemos nos sentir sozinha com toda aquela multidão?*

*Contamos então um pouco de como era esse momento antes da universidade, a colega conta que almoçava no sofá, que sua mãe magicamente fazia o almoço em 15 minutos, cortando a cebola por cima da panela.*

*Relembro que o almoço na casa dos meus pais é o momento do dia reunir a família. Os pratos, os talheres e a comida são dispostos a mesa, todos se servem tranquilamente, e conversam sobre diversos assuntos, enquanto isso alguém se retira da mesa para servir o suco. A pressa de se retirar a mesa é rara.*

*Nesse momento rimos, lembramos de poemas e música. Delicadezas cotidianas. (diário da pesquisara, dia 19/06/2019).*

Ao pensar no conceito de rede, analisamos um contraponto neste sentimento de solidão. A partir da discussão sobre acontecimentos cotidianos que, por vezes, passam por nós despercebidos. Aparece também a relação com o comer só ou junto nos relatos do grupo de pesquisa:

*“No momento que tu tá **almoçando com os teus amigos**, que tu tem uma rotina, tu tem uma rotina estabelece com os teus colegas, aí **vocês se falam no RU, no intervalo da aula**. Aí tu tem que fazer essa rotina com outras pessoas, que muitas vezes, na grande maioria das vezes, tu não tem contato com essas pessoas que tu vai pra estágio. Dificilmente tu vai pra estágio só com teus amigos, o que acontece daí vai que ser bem diversificado, e tu vai pra estágio com pessoas que antes tu não tinha contato. Sim, é muito legal, **que tu conhece mais pessoas, tu cria outras realidades outras rotinas, mas ao mesmo tempo tu tem saudade, é um sentimento de perda sabe, é uma etapa que tu tem que passar: cursar as disciplinas, ir pra estágio e tipo se formar no curso.**” (Isabel, grupo de discussão, 16/04/2019).*

Em contato com os diálogos do grupo, observo a diversidade de formas de habitar os espaços. Essa diversificação de modos de existir, de habitar, de se portar presente nos espaços, me traz a ideia de que existem conexões estabelecidas em grupos, que compõe processos singulares e processos coletivos que se engendram durante a constituição, compartilhamento e reprodução de saberes. (GALHEIGO, 2014).

Na aproximação com as narrativas dos sujeitos que habitam e circulam no curso de Terapia Ocupacional juntamente com os sentimentos despertados na minha trajetória como estudante, identifico algumas delicadezas cotidianas que possibilitam a composição deste ambiente. Em meio às durezas que a academia pode vir a gerar, influenciada pelas responsabilidades de produção, foi possível identificar espaços de troca, gestos de apoio entre os estudantes que autorizam a ressignificação do estudar e do estar na universidade.

As delicadezas nos permitem enxergar que não existem modelos universais de viver, de aprender; com isso, existe a possibilidade das quebras de rotina. Assim como as narrativas, as identidades são dinâmicas, podem ser modificadas conforme os contatos estabelecidos com os coletivos. Por conseguinte, olhar para as narrativas humanas permite transcender a visão mecanicista de algumas atividades, para poder entendê-las como práxis social, política e como manifestação cultural, atravessadas pela diversidade e por diferentes contextos. Assim, estudar as narrativas humanas, é comunicar-se com projetos repletos de sentido (GALHEIGO, 2009).

*“A solidão é como assinatura, cada um tem a sua.*

*Tem a solidão que domingo de manhã joga farelos na praça pra cercar de outras coisas vivas.*

*A solidão que arrisca um sorriso pro balconista na padaria.*

*A solidão que está super feliz em escolher uma poltrona só no cinema.*

*A solidão que no fim do filme sente falta de ter com quem comentar.*

*Tem solidão bonita, como um deserto prestes a anoitecer.*

*E tem solidão bagunçada, com a louça suja de 5 dias transbordando da pia.*

*Tem solidão que transborda em páginas, instrumentos musicais e muros.*

*Solidão, que poeira leve, como canta Tom Zé.*

*O mundo foi ficando cada vez mais colorido e ao mesmo tempo mais cinza.*

*E nossas vidas cada vez mais colorida e cada vez mais cinzas.*

*Nossos aparelhos emitem milhões de cores, mas não devemos esquecer que a pele humana também é “touch”. Os olhos humanos também são “screen”.*

*Nosso coração também é portátil.*

*E nossa capacidade de sentir as coisas é a nossa tecnologia mais poderosa.*

*Sentir o tempo e as emoções.*

*Sentir as distâncias e sentir as ausências.*

*Porque quando entendemos a ausência, entendemos a presença.*

*A dos outros e a nossa.*

*Na verdade, todas sendo uma coisa só, um ponto azul no escuro infinito, talvez quando os cientistas emitem sinais de rádio e ondas espaciais para o espaço,*

*seja a terra jogando seus farelos pro universo enquanto se senta numa praça na  
manhã de domingo pra se cercar de outras coisas vivas.*

PODCAST: MAMILOS, Jornalismo de Peito Aberto<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Poema de introdução do Podcast: É impossível Ser Feliz Sozinho? (programa realizado no dia 03/05/2019).



***Não se autorizar a ocupar os espaços acadêmicos.***

Ao pensar nas linhas de análise deste trabalho, revisamos o áudio e as transcrições do grupo de debate para a pesquisa. Ao entrar novamente em contato com o que se produziu, umas das coisas que me chamam a atenção é a falta de apropriação para ocupar os espaços da Universidade. Adentrando neste eixo, entendemos que a universidade é um lugar criado para a produção do conhecimento, conversamos então aqui sobre outros modos de criação do conhecimento, quais valores carregam esta criação?

Em reunião com o grupo de pesquisa, debatemos em diversos momentos sobre história, nossa história e como ela é contada. Esses momentos se cruzam com a pesquisa, aqui se propondo a narrar às histórias de estudantes. Essas narrativas são atravessadas também por contextos sociais, econômicos, culturais, conseqüentemente, pela história do lugar em que nos encontramos. Desde os primórdios da “descoberta” do Brasil, acabamos importando modos de viver estrangeiros, nos espelhando em práticas advindas de fora. Na universidade podemos perceber esta prática, quando atribuímos menos valor aos conhecimentos próprios de nossa cultura. Galheigo (2014), discute que essa importação de conceitos pode gerar uma visão reducionista dos contextos sociais, restringindo práticas ampliadas.

A Universidade Federal de Santa Maria é a primeira universidade federal brasileira criada em uma cidade do interior. A cidade pode ser considerada um grande polo estudantil, além da federal, outras universidades aqui se estruturam e/ou aqui possuem campus. Logo, é uma cidade com um grande contingente de jovens que chegam aqui movidos pela necessidade de estudar. A universidade carrega consigo marcas duras, além das interferências capitalistas na produção de conhecimento, do investimento tecnológico das empresas privadas; ela também leva consigo, nos corpos de estudante, professores, funcionários, e demais pessoas que circulam pelas ruas de Santa Maria, os afetos gerados pela tragédia da Boate Kiss, em janeiro de 2013, que culminou na morte de 242 jovens, em festa comemorativa de turmas da universidade.

*“(...) eu passei por algumas coisas no curso, 2013 teve o acidente da Boate Kiss, e nós tivemos colegas daqui, eu conheci*

*todos eles, foi um baque muito grande, pro curso também, foi horrível, 2013, assim (suspiro de tristeza) perder pessoas que eu convivia assim, fazer trabalho em grupos, alguns próximos alguns não tão próximos, foi uma coisa assim, tu fica pensando na palavra que não foi dita, no abraço que não foi dado, foi uma dor muito grande no curso, porque era além das disciplinas, **era o nosso cotidiano**, as vezes eu chorava, tchê, e foi intenso pra mim, eu tranquei, voltei, insisti no curso. **Mas me questionava o porquê estava no curso, as outras pessoas também me questionavam: pra quê tô aqui ainda?**” (Emanuel, grupo de discussão, 16/04/2019).*

Os questionamentos acima me levam ao pensamento de como são constituídos e onde, estes espaços de elaboração de acontecimentos de cunho emocional, ou não correspondentes à produção científica, são acolhidos dentro do ambiente universitário. Os jogos de forças, emocionais e sociais, existentes nesses atravessamentos podem levar ao silenciamento dos corpos, à medida que estamos suscetíveis a sermos influenciados por uma estrutura de poder que pretende reger modos de vida em que os sujeitos correspondam as produções de um sistema; fato que pode implicar na fragilidade da autocrítica do fazer desses indivíduos. Regina Favre (2017) em seu texto: “Corpos na multidão, medusas nos mares, bombas pulsáteis: uma incursão no campo corporalista”, disponível no blog “Laboratório de Processo Formativo”, defende que:

O que o mercado oferece para nossa imitação, funciona como bordas subjetivas que aparentemente contém a desagregação em curso: modos de relacionar, morar, vestir, pensar, imaginar, amar, desejar, funcionar, produzir, gerar histórias de vida, opiniões, posições políticas que, evidentemente, são uma gambiarra (p. 7).

Batista (2011), ao discorrer sobre a relação do capitalismo com a educação dentro da escola, conclui a partir da análise das perspectivas das políticas de educação que a prática de ensino afirma uma formação excludente, sendo que visa adaptar os indivíduos às exigências do mercado de trabalho, ao invés propor uma reflexão crítica a respeito dos fatores condicionantes da inserção produtiva dos indivíduos.

Na conversa com os textos, me remeto a pensar como esse processo se apresenta na composição dos corpos destes estudantes na cidade e na instituição. No diálogo com o grupo de pesquisa foram frequentes os questionamentos entre os alunos sobre a própria autonomia frente ao processo de aprendizado e a circulação dentro do dispositivo estudado.

*“Tu chega no final, tá se formando, aí chega pra realmente trabalhar com um caso, e tu pensa ‘**não tenho capacidade pra assumir o cargo**’ e isso te tira noites de sono, **porque tipo assim, tu vai ter que trabalhar, e aí o que que tu faz, sabe?** Como é que tu encara isso? Acho que ao mesmo tempo que a gente tem que **aprender a dar autonomia para as pessoas, não nos ensinam a ter autonomia e empoderamento enquanto terapeutas durante a faculdade.** (...) tem que ser terapeuta, mas tu é estudante, tu não pode fazer isso, tu não faz isso, **ai tu fica num impasse, eu tô com um pé pra fora da universidade, mas eu ainda não sou levada a sério como profissional, sabe.**” (Isabel, grupo de discussão, 16/04/2018).*

BATISTA (2011), compara a escola com “(...) uma "indústria" que restringe, respectivamente, a sala de aula e o aluno a uma linha de produção e a um produto, defendendo que os alunos não devem ser tratados como objetos, mas sujeitos da história” (p. 09).

O debate sobre autonomia no processo de ensino nos faz voltar a Paulo Freire (2005), o autor afirma que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo e com os outros.” (p. 55). Sendo assim, a educação como prática da liberdade, implica na reflexão dos homens com suas relações com o mundo. A partir da compreensão do mundo e das relações é possível o processo crítico de transformação da realidade.

A falta de autonomia e empoderamento do estudante na formação podem estar relacionadas com a excessiva carga horária de disciplinas a qual os alunos são submetidos. “A rigidez dessas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.” FREIRE (2005, p. 55). Essa falta de tempo aparece nos discursos do grupo na pesquisa:

*“Eu acho que a circulação complica, sabe. **Eu tenho aula manhã e tarde a semana toda praticamente, a meia hora, uma hora, os quinze minutos que eu tiver livre, ou eu vou estudar, ou eu vou usar pra arrumar a minha casa porque tipo as coisas que antes não precisava se preocupar por morar com os pais, agora eu tenho que lidar com uma casa. eu acho que isso é entristecedor. (...)Porque eu acho que quando a gente tem esse espaço, livre, ele produz muita coisa. Porque produz lazer, produz cuidado, porque eu posso ir pra minha casa, eu posso tirar um dia da semana sem ser culpabilizado(?) simplesmente pra ficar deitado, ler um livro, assistir um filme, hidratar o cabelo, sem culpa e tipo eu não tô usando esse tempo pra algo produtivo, sabe. Eu acho que ali ia começar a produzir alunos muito mais saudáveis, Terapeutas muito mais saudáveis, sabe. A gente chegar no estágio com uma gama de experiências.”** (Eduardo, grupo de discussão, 16/04/2019).*

No encontro com os estudantes, e em todo processo de pesquisa me questiono como meu corpo responde as indagações que levanto ao decorrer do trabalho, sinto que em diversos momentos, principalmente no que diz respeito a escrita recorri muito a ideias de autores, devido ao fato de não me autorizar a escrever sobre minhas vivências. Vi-me a procura de alguém que pudesse afirmar as minhas ideias por mim. Sinto que estar em sala de aula, muitas vezes, convoca ao aluno posições rígidas; portanto, este, quando acostumado a receber informações já elaboradas pelo docente, acaba por inibir seu processo criativo e o cultivo da própria curiosidade; por vezes, quando este espaço é possível, alguns corpos temem a falar devido a medo do erro. FREIRE (2005), nos convoca a pensar: “A palavra não é o privilégio de alguns homens, mas o direito de todos.” (p. 91).

A partir desse debate, sobre a circulação nos espaços da universidade e na cidade de Santa Maria, indicou-se a problematização de como são compostos os espaços de cultura e lazer; logo, os alunos trazem as implicações da aprovação do código disciplinar discente:

*“Acho que agora com a aprovação do código ficou bem mais difícil, a ida pra festas é quase restrita, porque são longe também.” (Catarina, grupo de discussão, 16/04/2019).*

O Código de Ética e Convivência discente da Universidade Federal de Santa Maria, foi aprovado em 12 de julho de 2018, em sessão extraordinária do Conselho Universitário. Este código tem como objetivo estabelecer direitos e deveres aos estudantes, especificando infrações passíveis de sanções quanto ao processo disciplinar discente.

O debate sobre o código gerou ampla mobilização entre os estudantes, devido ao fato que sua aprovação pretendia coibir algumas práticas comuns entre os estudantes que eram entendidas como espaço de lazer, por exemplo, a uso de bebidas alcoólicas dentro do ambiente universitário, bem como, o impedimento da realização de festas no Centro de Eventos<sup>17</sup>.

*“Pensando nessa coisa das festas, **como a criminalização da festa, sabe, tipo da gente ir pra uma festa ou aproveitar o teu lazer, isso não é saúde; isso não se encaixa assim, porque tipo, ter qualidade de vida não é só o básico, comer, dormir, sabe, que eu faço, mas ter lazer, do modo que tu escolher ser esse lazer, se teu lazer e teu escape e tua criação de experiência é ir em festa ou ir num clube de leitura, de poesia, sabe, seja o que for, isso não é levado a sério sabe, mas isso leva a certas experiências que talvez são importantes para adquirir criatividade, sabe, a gente precisa de espaços para a criatividade. E aí eu fico pensando, o que eram as festas do CE, na vida dos estudantes, porque muitos estudantes tinham esse momento como um momento de se reunir todo mundo lá achando todos os colegas, fazer uma janta e depois, todo mundo aproveita a festa e volta da***

---

<sup>17</sup> O Centro de Eventos é um espaço onde se realizam eventos dentro do Campus da Universidade Federal de Santa Maria. Até a aprovação do código, as turmas de formandos utilizam este espaço para promover festas universitárias, como modo de arrecadar fundos financeiros para formaturas. Também era usado para festas de entidades estudantis, como a festa do DCE (Diretório Central dos Estudantes) e a Boate da União, realizada pela diretoria da casa do estudante Universitário; festas que tinham popularidade entre a população jovem de Santa Maria.

*festa, ai tá em casa sabe, aí tem um ônibus que tá ali na frente, aí tipo, era a festa mais acessível pros estudantes. E agora tá tudo longe, só indo pra outros espaços que não tem como chegar de ônibus, tu tem sempre que pagar uber sabe, quem que consegue pagar ingresso pra festa, mais uber, mais comida, mais (inaudível) gastos pra festa, como isso se atravessa sabe, as questões, a gente é tirado a oportunidade, é cada vez mais é tirado a oportunidade que as pessoas tem de lazer. Isso é tirado da vida das pessoas. **Que o lazer ainda não é entendido como uma grande parte da qualidade de vida, sabe? Até Santa Maria não tem espaços de lazer pro público descente, isso... quase nada é gratuito, como assim acessibilidade? Pensar em mobilidade urbana assim também, muito ruim.**” (Isabel, grupo de discussão, 16/04/2018).*

O item lazer também é apresentado na monografia de ALFING (2018), quando os estudantes debatem em seu grupo focal os espaços que estes usam para atividades de cultura e integração. Este fato é problematizado devido aos alunos morarem dentro do campus, permanecendo grande parte do cotidiano nesse lugar, estão mais suscetíveis a essas punições. A partir do cruzamento destes dois debates, acredita-se que o estabelecimento do código de ética e convivência discente restringiu alguns espaços de encontros dos acadêmicos. Sendo que estes também se queixam de opções de lazer acessíveis dentro da cidade.

*“É, o que eu também penso que é uma questão de Santa Maria, né. **Não oferece um espaço muito assim de lazer, é mais a universidade. Dai se tu mora aqui, tu passa a semana toda aqui, tipo, tu passa a semana toda se estressando dentro da universidade, então, o que tu quer, não é tá aqui, é meio óbvio** (risos) (inaudível) tu tá a semana toda morando aqui, tu quer ir pra outro lugar, e aí tu vai aonde, no shopping, (risos) é complicado, não tem muito lugar na cidade, se tem **são caros.**” (Isabel, grupo de discussão, 16/04/2018).*

MENDES (2017) nos convida a pensar na potência que surge a partir da composição da diferença nos espaços. Assim a autora nos fala: “O que importa nesta operação é o quanto a vida do outro se permite passagem e o quanto os territórios que o sujeito cria e dos quais ele escapa permitem aberturas que sustentem a vida em sua potência de criação.” (p. 87- 88) A partir dessa frase retorno ao entendimento sobre a importância da construção e da sustentação de espaços que acolhem a alteridade, e como esse encontro das diferenças é potente para criar novos modos de viver e se portar nos espaços.

Os processos formativos sem espaço para a criação, conforme o que foi discutido nesta linha de análise, podem engessar o cultivo da curiosidade do aluno, espaços onde o aluno possa tomar iniciativa, onde encontre espaços para agir e se emancipe. Espaço onde o aluno tenha apropriação de sua própria potência; acredite-se que então, a educação como autonomia pode levar os estudantes a uma condição de maior autonomia e reflexividade em relação a seu cotidiano.

*Estamos no processo de finalização da escrita e do semestre, na rotina da pesquisa, os domingos foram destinados a tirar um tempo para adentrar no trabalho, o último domingo, não foi diferente. Depois de levantar tarde, fazer o almoço, almoçar com os amigos e a mesa lotada, voltar a dormir, conversar mais um pouco, tomar café com as pessoas que dividem a casa, receber a visita de uma colega que não está mais na cidade, e ousadamente ir jantar na casa de outra amiga do curso, e no retorno, ainda dar aquele ombro amigo pra aquela irmã que fiz nessa trajetória, que divide comigo a vida diariamente desde 2016, dedico o restinho da noite e a madrugada para atar alguns nós perdidos no trabalho. Com todas essas afetações do dia, decido viver o momento, me conectar mais com o trabalho e com o que está sendo vivido, e desinstalo quase todas redes sociais. As horas livres que eram dedicadas e para os aplicativos ficam vagas... humm, vou substituir por uma música, abro o spotify e vejo aquele item salvo a tempos, que sempre se apresentava com um nome curioso que foi deixado pra mais tarde, “podcast”: mamilos”, nome curioso, abro um parênteses pra dizer que relacionava essa coisa de podcast com pessoas que gostam de estar conectadas com o trabalho o tempo todo. Mas, por que não experimentar? Ouço o primeiro e acho o conteúdo interessante; um bom modo de usar o tempo livre, penso comigo. O início da semana é dedicado ao encerramento do estágio, logo, não me conecto muito com a pesquisa. Na terça, volto ao trabalho e estabeleço uma intensa*

*conexão com ele. Eu e Nathália, colega do grupo de orientação que também está no processo de finalização do Trabalho de Conclusão de Curso, decidimos escrever juntas; depois de horas de discussão, comidas e mates, decido fazer a janta. Morar com estudantes é viver intensamente as finalizações de semestre; pensando em não atrapalhar a amiga, que estuda na sala/cozinha compactada, com minhas conversas, coloco o fone de ouvido, abro o tal de spotify e o quadradinho podcast me chama a atenção novamente, arregalo o olho pro episódio “é impossível ser feliz sozinho?” me parece um bom assunto, abro e escuto o poema de abertura enquanto corto os alimentos, em segundos de distração retorno pra escutá-lo de novo e penso uau, interessante. O escrito me marcou tanto que apareceu na finalização da análise anterior, e nas conversas no whatsapp (a rede social que resiste). Continuo escutando e necessito ir ao meu quarto, pegar a agenda e me encontro no auge da imersão do trabalho: mexendo com a colher de pau a comida<sup>18</sup>, e anotando o que eu poderia utilizar para concluir o trabalho. É, acho que a ideia de se conectar com a pesquisa tem rendido bons frutos. (Diário da pesquisadora, 02/07/2019)*

Uso desta cena para voltar às delicadezas e as linhas de fugas que se encontram nesse cotidiano, afinal, se ele ainda existe é porque ele resiste e se reinventa para que os alunos possam ocupar esse espaço. Volto a transcrição dos áudios, identifico algumas palavras e frases, que soam em mim com força, e encontro com a narrativa de um dos participantes, no momento em que discutíamos como é dada a mobilidade dentro da cidade, este se remete ao estágio passado que era na Reabilitação Baseada na Comunidade, coloco aqui um pequeno trecho:

***“(...) tem que trabalhar com o pouco que a gente tem, pra eles poderem ir ocupando (...)”*** (Yuri, grupo de discussão, 16/04/2019).

Complemento a fala do “ocupar”, com outras pequenas frases que aparecem no texto e nas narrativas: **“fazer uma janta”, “almoçar juntos”, “tomar um mate”**, elas me remetem a pensar na potência do encontro, desse encontro que permite o desafogamento da rotina e que produz resistência, que produz troca, apoio. No

---

<sup>18</sup> Abro aqui uma nota pra falar o quanto o cozinhar, e o cozinhar para as pessoas que amo tem sido uma linha de fuga do meu cotidiano. Ao me propor a narrar as delicadezas que compõe o cotidiano, torno perceptível esses afetos em mim, e como ver a mesa da minha casa ocupada, como um espaço do fazer junto, seja pro café da tarde, pro almoço, pra janta, pra estudar, ou o simples fato de as vezes alguém deixar nela uma florzinha, tem me deixado feliz.



podcast “É impossível Viver Sozinho?” Viviane Mosé, que se apresenta como psicóloga, com formação em psicanálise, em filosofia e que escreve poemas; convidada para discussão do tema, esta defende que o convívio produz fluxos, assim o compartilhamento da vida produz saúde. No segmento do debate Viviane compara os valores morais com os valores de mercado, trazendo em seu pensamento que estes conceitos nos impedem de viver os momentos, não permitindo o “se sentir”. Nos chamando a atenção que neste processo do viver não procuramos o nosso lugar e sim uma adaptação.

Neste fluxo, me apoio em seu pensamento para falar das potencialidades do movimentar-se, do lutar, de mesmo acreditando ser pouco, ocupar os espaços e a partir dessa ocupação traçar linhas possíveis para que se produza o novo. Ela nos conta do sentido que atribui a palavra brigar, ousou relacionar a palavra com o sentido de lutar que encontro em nossos micro movimentos políticos, nessa conversa entendo que brigar e lutar dão sentido à vida, pois a gente sofre pela idealização da felicidade, a felicidade que não possui conflito. Portanto, reforço através da fala Viviane: “deveríamos ser ensinados a ter força para lidar com o sofrimento e os desafios, ao invés de sermos educados para a obediência, assim lidaríamos melhor com a frustração e produzirmos vida.” Criar com a diferença, produzir redes, assim construir uma sociedade em redes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Início o processo de digestão do trabalho e as ressonâncias que este teve no meu corpo de pesquisadora me ancorando novamente no poema de Conceição Evaristo, citado no início do segundo capítulo, que assim o finaliza (...) ***os seus sonhos esparramados, adubam a vida, multiplicam são os motivos da viagem (...)***. Essa frase reverbera os sentimentos na conexão com o dispositivo, por onde passei, estive, ocupei e, por fim, habitei nesses quatro anos. Para compor essa conversa, utilizo também de uma passagem do texto de Kastrup e Passos (2013):

Ao final de um trabalho de pesquisa, a sensação de que avançamos no conhecimento daquele território passa, mais uma vez, pela sensação de partilha de uma semiótica e de um maior pertencimento àquele território. No entanto, resta um valioso écart que nos distancia da semelhança, ao mesmo tempo que nos aproxima da alteridade. A ideia de composição no plano das forças e dos afetos remete, por fim, à política de escrita da pesquisa e ao compromisso ético das ações locais que ela poderá doravante sustentar, concorrendo para a criação de um mundo comum e heterogêneo (p. 277).

O que ressoa em mim são os sentimentos de que a pesquisa trouxe conexões e me permitiu dar traçados para as narrativas que tive contato na graduação. Deixou também compor com novas narrativas, e falar delas e contá-las. Os movimentos do curso de Terapia Ocupacional sempre despertaram curiosidade, e no momento em que entro em contato mais profundo com os discursos, percebo o meu trajeto na viagem, e os novos sonhos que a partir dela surgiram. Costuro aqui então essas narrativas com o conceito de cotidiano de MATSUKURA e SALLES (2013):

Percebe-se que o conceito de cotidiano, considerado nos estudos de terapeutas ocupacionais, se estabelece na relação entre aquilo que é singular do sujeito com o que é coletivo e social. Há um foco no dia a dia do indivíduo, nos pequenos acontecimentos e ações, nos detalhes da construção da história do sujeito, em articulação com o contexto social, as formas de produção, as diretrizes políticas, a organização social. O conceito de cotidiano se estabelece na relação do micro com o macro, se constrói na articulação entre o *zoom* focado na vida do sujeito e a grande ocular que capta os processos de produção social (p. 268).

Chegar as finalizações do processo de pesquisa; um misto de sentimentos me toma, noto que o trabalho fala muito de mim e me possibilitou a pensar sobre a pessoa

e a terapeuta ocupacional que foi se formando durante esses anos. Em contato com o trabalho quase finalizado, revendo-o como um todo, vejo a necessidade de falarmos mais sobre nós, e nos autorizarmos a ser os protagonistas de nossa própria aprendizagem. Sinto, que nesse cotidiano, principalmente na atual conjuntura política que estamos passando, somos constantemente atravessados pela lógica de mercado e de consumo, as forças de nosso sistema coloca pesos em nosso corpo, tentam nos engessar; mas ao mesmo tempo que tudo parece desmoronar, achamos forças, e criamos delicadas e grandes linhas de fugas que permitem a resistência e a existência nesse espaço. Por vezes, pensei que não chegaria ao fim pelo atual contexto, o último ano foi ainda mais intenso, hoje penso que este trabalho pode servir como motivação para que outros colegas pensem sobre nós, criem outros espaços de resistência e fortaleçam os que já existem, para que possamos ocupar a universidade e ter acesso ao ensino superior. Acredito que nada na vida pode ser resumido em respostas certas, mas que a problematização nos implica a novos desafios de fazer diferente e semear a diferença.

Este é apenas um recorte do curso de terapia ocupacional da UFSM, realizado a partir das narrativas que os estudantes trouxeram ao grupo de pesquisa. Sinto que seria importante problematizar outras questões, como, por exemplo: Como estes estudantes apresentam a si mesmo? O que os motivou a chegar até o curso e ao ensino superior? São mulheres? De onde vêm estes estudantes? Que identidades atravessam esse campo problemático?

*“Eles tentaram nos enterrar, mal sabiam que éramos sementes”*

(autor desconhecido)

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFING, B. K.; FERRER, A. L. **OS MORADORES DA CASA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIO II DA UFSM: QUESTÕES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL**. 2018. 73 f. TCC (Graduação) - Curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

BATISTA, F. A. B. A Relação Entre Educação E Capitalismo: O Aluno Como "Produto" Da "Indústria" Escola. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, Juíz de Fora, p.1-10, jun. 2011. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/artigos/NDI4.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

BARROS, D.; ALMEIDA, M.; VECCHIA, T. (2007). Terapia ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico. **Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo**, 18(3), 128-134. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v18i3p128-134>.

BARROS, L. M. R.; BARROS, M. E. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 373-390, mai./ago. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**: Diretrizes Gerais. Brasília, 2007a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>>. Acesso em: 03 de nov. de 2018. BRASIL. **Reuni - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>. Acesso em: 12 out. 2018.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: **Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. [S.l: s.n.], 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. 17. ed. Petrópolis, Rj: Editora Vozes, 2011. 316 p.

É impossível ser Feliz Sozinho. Locução de: Juliana Wallauer e Cris Bartis. Convidadas: Viviane Mosé e Deborah Suchecki Rio de Janeiro: B9, 3 maio 2019. Mamilos: jornalismo de Peito Aberto. Disponível em: link. Acesso em: 02 de julho de 2019.

ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V. O Conceito De Coletivo Como Superação da Dicotomia Indivíduo-Sociedade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p.295-304, ago. 2005. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a17.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a17.pdf)>. Acesso em: 04 maio 2019.

FAVRE, R. Um corpo na multidão: do molecular ao vivido. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 15, n. 37, p. 621-628, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

Galheigo, S. M. (2009). Narrativas contemporâneas: significado, diversidade e contexto. **Revista De Terapia Ocupacional da USP**. São Paulo, 2009, p. 8-12. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v20i1p8-12>.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura subjetividade e contexto histórico-social. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.

GALHEIGO, S. M. et al. Produção De Conhecimento, Perspectivas E Referências Teórico-Práticas Na Terapia Ocupacional Brasileira: Marcos E Tendências Em Uma Linha Do Tempo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Paulo, v. 26, n. 4, p.723-738, 2018. Editora Cubo Multimídia. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S252689102018000400723&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S252689102018000400723&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 30 mar. 2019.

GALHEIGO, S. M. *Sobre identidades, latinoamericanidades e construção de saberes em Terapia Ocupacional...* **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 215-221, 2014.

GLOBALIZAÇÃO Milton Santos - O mundo global visto do lado de cá. Direção de Sílvio Tandler. Produção de Cosmes Alves Neto; Arnaldo Carrilho. Realização de Caliban. 2011. P&B. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW\\_mnM](https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM)>. Último acesso em 04 de julho de 2019.

GONDIM, S. M. G.. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Padeia**, Ribeirão preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 124 p.

LABORATÓRIO DO PROCESSO FORMATIVO. **Corpos na multidão, medusas nos mares, bombas pulsáteis: uma incursão no campo corporalista**. Disponível em: <<https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2017/10/corpos-na-multidao-medusas-nos-mares-bombas-pulsateis-uma-incursao-no-campo-corporalista/>>. Acesso em: 24 out. 2018.

LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. A. Um corpo de cartógrafo. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 19, n. 52, p.183-194, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0284>.

LEÃO, Ryane. **Tudo Nela Brilha e Queima: poemas de luta e amor**. São Paulo: Planeta, 2017. 192 p.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p.263-280, ago. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4942/4784>>. Acesso em: 05 maio 2019.

MENDES, M. L.; CASTRO, E. D.; PELBART, P. P. **Esquivas, Criação e Planos de Existência: Ressonâncias Éticas, Estéticas e Clínicas na Trajetória de Fernand Deligny**. 2017. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação Interunidades Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em:

- <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/.../2017\\_MarianaLouverMendes\\_VCorr.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/.../2017_MarianaLouverMendes_VCorr.pdf)>  
 . Acesso em: 07 jul. 2019
- MINAYO, M. C. de S. et al. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 17. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000. 80 p.
- MIRANDA, L. et al. Dos grupos focais aos grupos focais narrativos: uma descoberta no caminho da pesquisa. In: ONOCKO-CAMPOS, R. et al. (Eds). *Pesquisa avaliativa em saúde mental*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- PATTO, M. H. S.. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. **Perspectivas**, São Paulo, v. 16, n. 1, p.191-141, 1993. Disponível em: [//periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/download/775/636](http://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/download/775/636)>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartográfico: Pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Meridional LTDA, 2009.
- PEREIRA, C. L.; ANGELI, A. A. C. **HABITANDO UM CORPO QUE DÁ CONTA: Um pensar cartográfico acerca da construção do modo de ser e sua expressão na saúde e no cotidiano dos estudantes universitários**. 2018. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.
- QUINDERÉ, P. H. D.; JORGE, M. S. B.; FRANCO, T. B. Rede de Atenção Psicossocial: qual o lugar da saúde mental?. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 24, n. 1, p.253-271, mar. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312014000100014>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v24n1/0103-7331-physis-24-01-00253.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2019.
- ROLNIK, S. **Esferas da Insurreição: Notas para Uma Vida Não Cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.
- SALLESA, M. M.; MATSUKURAB, T. S. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 265-273, 2013.
- SARACENO, B. A reabilitação como Cidadania. In: SARACENO, Benedetto. **Libertando identidades: da reabilitação psicossocial a cidadania possível**. Belo Horizonte: Te Cora/ Instituto Franco Baságliá, 199. Cap. 5. p. 111-142.
- SARAIVA, A. M.; QUIXADÁ, L. M. Realização, sofrimento, saúde e adoecimento: algumas reflexões sobre o estudante e sua trajetória universitária. In: **Conferência Internacional sobre os Setes Saberes para uma Educação do Presente (Ed.), 2010. Anais eletrônicos da Conferência Internacional sobre os Sete Saberes (p. 7)**. Fortaleza: UECE. Disponível em: <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/988-07082010-135554.pdf> . Último acesso: 10 abril de 2019.

## 7. APÊNDICE

### ROTEIRO DO GRUPO

- Apresentação do pesquisador e uma breve exposição da pesquisa, com intuito de reforçar seus objetivos;
- Apresentação dos participantes, idade, semestre, o que motivou a participar da pesquisa;
- Indagar como é a rotina dos estudantes; quais sentimentos são despertados no seu dia-a-dia no que se relaciona com o curso de Terapia Ocupacional;
- Como estes se sentem em relação as dinâmicas institucionais e como entendem a estruturação do ambiente do curso;
- Como é dada a circulação nos diferentes espaços do curso;
- Quais espaços são potencializadores para a troca, convivência com demais colegas.
- Quais são as atividades de lazer e os espaços de cultura que estes sujeitos exploram? Estas têm relação ao ambiente da instituição de ensino?

**Observação:** O roteiro poderá sofrer alterações conforme as respostas trazidas pelos participantes da pesquisa.

## 8. ANEXOS

### ANEXO A - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



### AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pelo Departamento do Curso de Terapia Ocupacional autorizo a realização do estudo: Cartografando modos de viver, (RE) existir e estudar Terapia Ocupacional. Sob registro no GAP \_\_\_\_\_ a ser conduzido pelos pesquisadores Andréa do Amparo Carotta de Angeli, professora deste departamento, e Claudia Daiane Birk, estudante do curso de Terapia Ocupacional.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Santa Maria,

\_\_\_\_\_

Profa. Silvani Vieira,

Chefe do Departamento do Curso de Terapia Ocupacional

(carimbo)



## ANEXO B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Cartografando modos de viver, (RE) existir e estudar Terapia Ocupacional

Pesquisador responsável: Profª Dra Andréa do Amparo Carotta de Angeli

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Telefone para contato: Avenida Roraima, Número 1000, Cidade Universitária, Camobi, Santa Maria. Curso Terapia Ocupacional - Prédio 26D - Sala 4010A - (55) 3220-9584. Departamento de Terapia Ocupacional - Prédio 26D - Sala 4010B - (55) 3290-7901.

Local da coleta de dados: prédio 26D, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria.

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de grupos de encontro que serão realizados nas dependências do prédio 26D da Universidade Federal de Santa Maria, durante os meses de março à abril de 2019.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 26 D, departamento de Terapia Ocupacional, sala 4619, 97105-970 - Santa Maria - RS. Por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da professora Andréa do Amparo Carotta de Angeli. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 11/12/2018, com o número de registro Caae 03389218.2.0000.5346.

Santa Maria, 16 de Abril de 2019.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

## ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE FILMAGEM

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE  
USO DE FILMAGEM**

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) da Cédula de Identidade RG nº \_\_\_\_\_, autorizo o uso de minha imagem da filmagem para o uso exclusivo da pesquisa “ Cartografando modos de viver, (RE) existir e estudar Terapia Ocupacional” que será realizada nas dependências do prédio 26D, onde se localiza o departamento de Terapia Ocupacional, alocado no Centro de Ciências da Saúde, na Universidade Federal de Santa Maria, que têm como endereço: Avenida Roraima, Número 1000, Bairro Camobi, cidade de Santa Maria. Concedo que o uso da filmagem seja utilizada apenas para a captação de dados e apresentação dos resultados do estudo na banca de avaliação do TCC, no uso exclusivo dos pesquisadores, não sendo divulgada em nenhum outro local e/ ou plataforma digital. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de contraprestação.

---

Assinatura do responsável

---

Assinatura da estudante responsável pelo trabalho de conclusão de Curso

---

Assinatura da Orientadora Responsável pela pesquisa.

## ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Cartografando modos de viver, (RE) existir e estudar Terapia Ocupacional

Pesquisador responsável: Prof<sup>a</sup> Dra Andréa do Amparo Carotta de Angeli

Instituição/Departamento: Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Santa Maria

Telefone e endereço postal completo: Avenida Roraima, Número 1000, Cidade Universitária, Camobi, Santa Maria. Curso Terapia Ocupacional - Prédio 26D - Sala 4010A - (55) 3220-9584. Departamento de Terapia Ocupacional - Prédio 26D - Sala 4010B - (55) 3290-7901.

Local da coleta de dados: prédio 26D, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria.

As pesquisadoras, Claudia Daiane Birk, sob a orientação da professora Andréa do Amparo Carotta de Angeli responsáveis pela pesquisa intitulada: “Cartografando modos de viver, (RE) existir e estudar Terapia Ocupacional”, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende cartografar quais os atravessamentos contemporâneos capitalistas que se expressam na produção de subjetividade e na construção da vida cotidiana de estudantes de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria. Acreditamos que ela seja importante porque se dispõe a analisar a rede que sustenta a estrutura do curso de Terapia Ocupacional da UFSM, e como está se reinventa para poder existir. Para sua realização serão realizados grupos, a partir deles serão redigidos diários de bordo com as questões mais intrigantes para a pesquisadora. Logo, convidamos você a participar da discussão dos grupos.

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos: com o decorrer do grupo podem surgir desconfortos sobre as temáticas que serão abordadas, bem como dificuldade na interação entre o grupo. Quanto a estes riscos, os estudantes receberão orientações quanto o Apoio Psicológico existente no Centro de Ciências da Saúde e o serviço oferecido Pró-reitoria de Serviços Estudantis (PRAE). A pesquisa não apresenta nenhum risco físico. Os benefícios que esperamos como estudo da pesquisa poderá oportunizar reflexões quanto ao cotidiano dos participantes, podendo assim surgir a criação de recursos coletivos para enfrentar sua realidade e buscar mais qualidade de vida dentro do espaço acadêmico.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo Apoio Psicológico existente no Centro de Ciências da Saúde e o serviço oferecido Pró-reitoria de Serviços Estudantis (PRAE).

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

### **Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_ após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE.

Santa Maria, 16 de abril de 2019.